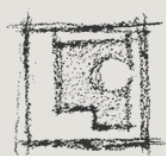


Tradução Coletiva
TRADUCERE



PPGL UFSM



TRADUCERE UFSM

VOZES FEMININAS:

ANTOLOGIA BILÍNGUE DE CONTOS ESPANHÓIS CONTEMPORÂNEOS

**LUCIANA FERRARI MONTEMEZZO
ALTAMIR BOTOSO
(orgs.)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

REITOR: Luciano Schuch
VICE-REITORA: Martha Bohrer Adaime
DIRETOR CAL: Gil Roberto Costa Negreiros
COORDENADORA PPGL: Raquel Trentin Oliveira

EDITORA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS – PPGL

Editor-chefe: Sara Regina Scotta Cabral

COMISSÃO EDITORIAL: Amanda Eloina Scherer, Evellyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa, Luciane Kirchhoff Ticks, Régis Augustus Bars Closel, Rosani Úrsula Ketzer Umbach, Sara Regina Scotta Cabral, Tatiana Keller

AVALIAÇÃO TÉCNICA: Evellyne Patricia Figueiredo de Sousa Costa, Altamir Botoso, Luciana Ferrari Montemezzo

PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS E REVISÃO DE TEXTO: Grupo *Traducere* (tradutor coletivo)

REVISÃO DE LINGUAGEM: Grupo *Traducere* (tradutor coletivo)

REVISÃO DE NORMAS TÉCNICAS: Grupo *Traducere* (tradutor coletivo)

PROJETO GRÁFICO | DIAGRAMAÇÃO: Sinthia Umpierre Gomes

CAPA: Pedro Lucas Pereira Milani. Fotografia: Luciana Ferrari Montemezzo

APOIO: UFSM, PPGL, CAL

APOIO FINANCEIRO: UFSM, CAL, PPGL

ENDEREÇO

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Educação, Letras e Biologia
Prédio 16 – Bloco A2 – Sala 3222

Campus Universitário – Camobi 97105-900 – Santa Maria RS – Brasil

www.ufsm.br/ppgletras

<https://www.ufsm.br/editoras/ppgl>

V977 Vozes femininas [recurso eletrônico] : antologia bilingue de contos espanhóis contemporâneos = Voces femeninas : antología bilingüe de cuentos españoles contemporáneos / Luciana Ferrari Montemezzo, Altamir Botoso (orgs). – Santa Maria, RS : UFSM, CAL, PPGL, 2025.
1 e-book : il.

Edição bilingue
ISBN 978-65-5334-056-5

1. Literatura 2. Cuentos españoles 3. Contemporáneo 4. Voces femeninas I. Traducere II. Montemezzo, Luciana Ferrari III. Botoso, Altamir

CDU 860-34

Traducción Colectiva
TRADUCERE



VOCES FEMENINAS:

ANTOLOGÍA BILINGÜE DE CUENTOS ESPAÑOLES CONTEMPORÁNEOS

**LUCIANA FERRARI MONTEMEZZO
ALTAMIR BOTOSO
(orgs.)**



TRADUCERE

Altamir Botoso

Bárbara Loureiro Andretta

Caroline de Castro Duarte Moura Flores

Estefanía Bernabé Sánchez

Fernanda de Paula Araújo

Luciana Ferrari Montemezzo

Pedro Lucas Pereira Milani

Rafaela Batista Brasil

Simone Sardinha Brito

SUMÁRIO

8 PREFÁCIO

8 TRADUZIR É DIALOGAR

24 PRESENTACIÓN

24 ESTEFANÍA BERNABÉ SÁNCHEZ

27 APRESENTAÇÃO

27 ESTEFANÍA BERNABÉ SÁNCHEZ

31 ELVIRA CÁMARA

31 EL PROCESO DE ESCRIBIR

33 O PROCESSO DE ESCREVER

35 INDESEADA LIBERTAD

39 LIBERDADE INDESEJADA

43 OJOS OBLICUOS

46 OLHOS AMENDOADOS¹²

50 INVIERNO EN OHIO

53 INVERNO EM OHIO

57 ISABEL M.ª MARTOS ROZAS

57 RESEÑA BIOGRÁFICA CON LIBERTAD POÉTICA

61 RESENHA BIOGRÁFICA COM LIBERDADE POÉTICA

65 MARIA CATALINA

77 MARIA CATALINA

90 ABISMO

94 ABISMO

98 NADINE

100 NADINE

103 M.ª ÁNGELES BARRIONUEVO

- 103 PRESENTACIÓN
- 105 APRESENTAÇÃO
- 107 GALLETAS
- 110 BOLACHAS
- 113 CREPÚSCULO...
- 116 CREPÚSCULO...
- 119 ROMEO
- 122 ROMEU

127 ROSARIO P. BLANCO

- 127 RESEÑA BIOGRÁFICA
- 129 RESENHA BIOGRÁFICA
- 131 EL CARTÓN DE LECHE
- 134 A CAIXINHA DE LEITE
- 137 LA MALA HIERBA
- 141 A ERVA DANINHA
- 145 EL POZO
- 147 O POÇO

151 POSFÁCIO

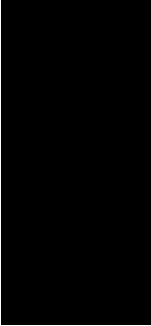
- 151 SOLANGE MITTMANN

157 EPÍLOGO

- 157 SOLANGE MITTMANN



Nesta fotografia, da esquerda para a direita, estão as autoras Isabel M.^a Martos Rozas, Rosario P. Blanco, M.^a Ángeles Barrionuevo e Elvira Cámara.



PREFÁCIO

TRADUZIR É DIALOGAR

Com quem dialogamos? Com um grupo de escritoras relativamente desconhecido na Espanha, mas já bastante visível em Granada (primeira cidade de literatura em língua espanhola, reconhecida pela UNESCO). Estabelecemos, assim, um contato literário entre dois continentes, promovendo o comparatismo, e uma meta: buscar novas fontes, desconsiderando os cânones e dando ênfase a vozes femininas contemporâneas.

Seguindo essas premissas, formamos um grupo de tradução coletiva nomeado *Traducere* (palavra originada do latim que significa “atravessar, conduzir de um lado ao outro”), criado em 2008, na UFSM, Universidade Federal de Santa Maria. Inicialmente, tratava-se de um grupo de ensino e pesquisa, com o objetivo de preencher uma lacuna específica que o curso de licenciatura

em espanhol apresentava. Como não existia habilitação em tradução, e sempre havia alunos interessados no tema, surgiu o grupo. A partir de 2020, houve a possibilidade de trabalhar *on-line*. Então, juntaram-se aos interessados, também, professores e estudantes da UEMS, Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, além de colaboradores de outras regiões do país.

Nas primeiras reuniões, optamos por trabalhar com a tradução de contos escritos por autoras que vivem em Granada, Espanha, evidenciando, assim, o protagonismo de figuras femininas. Decidimos, portanto, traduzir três contos de cada uma das seguintes escritoras: Elvira Cámara Aguilera, Isabel M.^a Martos Rozas, M.^a Ángeles Barrionuevo e Rosario P. Blanco¹. A seleção dos contos foi feita coletivamente. O primeiro deles, *Indeseada libertad*, de Elvira Cámara Aguilera, foi escolhido pelo grupo brasileiro. Quando terminamos, pedimos sugestões da autora que nos enviou aqueles mais interessantes. Terminada a etapa dos contos de Elvira, solicitamos às demais autoras que também fizessem a mesma seleção. Assim, recebemos os contos de todas as autoras.

Vale enfatizar que o esforço empreendido pelo grupo *Traducere*, para traduzir as narrativas das escritoras mencionadas, tem também a pretensão de que a coletânea, ao ser publicada, não seja apenas apreciada pelo leitor

¹ Respeitou-se a ordem alfabética dos nomes das autoras para a composição do livro.

diletante, mas que possa ser ainda utilizada como material de apoio por professores de ensino de tradução, assim como em aulas de língua e literatura espanhola.

A tradução coletiva, conforme assinala Guatelli-Tedeschi (2011, p. 92), “parece estar no lado oposto dessa relação privilegiada, quase ciumenta, que une um tradutor ao seu texto...”.² Nesse sentido, para que o trabalho seja bem sucedido, é necessário abrir mão de qualquer egolatria ou ideia de superioridade em relação aos membros que se propõem a realizá-lo, substituindo qualquer relação de verticalidade “por uma relação horizontal mais aberta a um intercâmbio equilibrado e criativo” (Guatelli-Tedeschi, 2011, p. 92).³

Ainda assim, um processo tradutório realizado por um grupo de pessoas reveste-se de dificuldades, como acertadamente assinala Guatelli-Tedeschi:

[...] fazer com que o tradutor coletivo fale com uma só voz não é fácil. É um árduo exercício de renúncia à estridência da própria voz. A voz coletiva procura ser não a voz morna de um consenso brando, mas a da temperança forjada no rigor de divergências controladas e harmonizadas. Nenhuma matemática democrática, mas a difícil busca da verdade do texto pactuada às vezes com tensão e

2 «parece hallarse en las antípodas de esta relación privilegiada, casi celosa que une un traductor a su texto.»

3 «por una relación horizontal más abierta a un intercambio equilibrado y creativo.»

frustração, na qual emerge o maior número possível de virtualidades poéticas. Em casos extremos, quando se demora muito para chegar a um acordo, as versões contestadas são submetidas a votação, a menos que o grupo esteja inclinado a admitir a mediação de um membro mais experiente, ou deixe a última palavra para o responsável pela versão submetida para revisão, quando se faz a *Revisão Coletiva*. No momento da *Revisão mais apurada*, quando as fórmulas do tradutor coletivo são lapidadas e refinadas, o próprio revisor e/ou o autor podem sugerir soluções mais geniais ou contagiar uma emoção estética que faz emergir achados latentes do grupo que subitamente se manifestam com total plenitude. (2011, p. 96-97, grifos da autora).⁴

Verifica-se, portanto, que o trabalho coletivo, não só

4 «[...] lograr que el traductor colectivo hable con una sola voz no es fácil. Se trata de un arduo ejercicio de renuncia a las estridencias de la voz propia. La voz colectiva procura ser no la voz tibia de un consenso blando sino la de la templanza fraguada en rigor desde unas divergencias controladas y armonizadas. Ninguna matemática democrática sino la difícil búsqueda de la verdad del texto consensuado a veces con tirantez y frustración, en el que aflore la mayor cantidad posible de virtualidades poéticas. En casos extremos, cuando se tarda mucho en alcanzar un compromiso, las versiones reñidas se someten a votación, a no ser que el grupo se incline por admitir la mediación de un miembro más experto, o deje la última palabra al encargado de la versión sometida a revisión cuando se practica la *Revisión colectiva*. En el momento de la *Revisión experta* cuando se pulen y afinan las fórmulas del traductor colectivo, el propio revisor y/o el autor pueden sugerir soluciones de mayor brillo o contagiar una emoción estética que haga brotar del grupo hallazgos latentes que de repente se manifiestan con total plenitud.»

em uma tradução, mas em qualquer atividade humana, exige uma predisposição à colaboração, a estar sempre aberto à voz do outro, a escutá-la e a construir significados a partir da cooperação. É interessante observar o quanto, algumas vezes, a pesquisa de um membro do grupo pode complementar a de outro, gerando conhecimentos impensados.

Todos os membros de nosso grupo ficavam encarregados de efetuar a sua tradução do conto e, durante as nossas reuniões, realizadas sempre às terças-feiras, por um período de duas horas, cada um deles fazia a leitura de seu trabalho e, parágrafo a parágrafo, os demais iam comentando aquilo que estava diferente em relação ao texto apresentado. Quando havia discordância, relacionada a algum vocábulo, ditado ou expressão oriunda da língua espanhola, ponderávamos para encontrar uma solução que satisfizesse a todos. Geralmente isso foi possível. Contudo, certa vez, precisamos fazer uma votação para a escolha do vocábulo que daria mais fluência e se aproximaria mais do significado do texto fonte.

Um exemplo destacável do que foi exposto acima ocorreu quando tivemos de traduzir o título do conto “Galletas”, de M.^a Ángeles Barrionuevo. Em português, pode-se traduzir essa palavra por “biscoitos” ou “bolachas”. Observamos que, no Brasil, não há consenso a respeito desses dois sintagmas: o que em um estado é

considerado biscoito; em outro, bolacha, e nem mesmo os dicionários puderam servir de ajuda para solucionar esse impasse. Então, por votação, ficou decidido que seria empregado o vocábulo “bolacha”, por ter um uso mais corrente e se ajustar ao expresso no conto, no qual a protagonista estava preparando um tipo de confeito, com açúcar, para presentear seus amigos na época do Natal.

Durante o processo tradutório, cogitamos traduzir por “bolachas de natal”, mas esta solução causaria um efeito diferente daquele provocado no leitor espanhol: o uso de *galletas* não permite situar o período do ano em que está localizado o conto. Essa informação apenas é revelada no final da narrativa. Precisávamos, por conseguinte, fazer o mesmo: revelar para os leitores brasileiros, somente no final, que a narradora preparava bolachas na época natalina.

Outra decisão tomada em conjunto foram as notas de rodapé. Com o objetivo de não sobrecarregar a tradução, optamos por empregá-las apenas quando fosse extremamente necessário. Adotamos também o critério de não colocar notas para palavras existentes em língua portuguesa, cujo significado o leitor poderia encontrar com facilidade. A única exceção foi o sintagma “ráfia”, que aparece no conto “Maria Catalina”, de Isabel M.^a Martos Rozas. Esse vocábulo não tem um uso corrente na língua portuguesa, podendo ser consi-

derado arcaico e, por isso, acreditamos que uma nota seria apropriada para evitar qualquer ruído na compreensão do texto de chegada.

No percurso tradutório, tivemos o privilégio de contar com a colaboração das autoras que participaram de muitas de nossas reuniões, agregaram comentários, enviaram materiais a respeito de eventos históricos que foram recriados nos relatos, como foi o caso do conto “Maria Catalina”, baseado em um acontecimento extraído da realidade. Outro exemplo foi a onomatopeia “Tipe tape tipi tape ton” e os versos que a escritora Isabel M.^a Martos Rozas usou no texto escrito como biografia, para inserir no volume de contos traduzidos. A partir de sua explicação, compreendemos tratar-se de um poema tradicional espanhol, que colocava em relevo o ofício de sapateiro (testemunhado por ela quando criança, pois o avô exercia essa atividade), e pudemos efetuar a tradução com mais segurança e qualidade, respeitando o sentido dado pela autora em discurso.

A respeito da colaboração dos escritores no processo de tradução, é válido frisar que o apoio e a disposição em dirimir dúvidas representam um ganho inestimável para o sucesso de uma empreitada no âmbito tradutório. Dessa forma,

[...] [1] longe de nos distanciarmos dos autores como preco-

nizam os adeptos da tradução heroica solitária, defendendo uma tradução eficaz que se alimente do contato direto com o escritor, não para que ele nos explique o que “quis dizer”, mas sim a “sua intenção” e seu contexto referencial. Já sabemos que o autor não tem autoridade sobre seu texto; uma vez que o texto é editado, ele pertence a si mesmo e a seus leitores. No entanto, em certos aspectos, a voz do autor é valiosa, pois permite encontrar com segurança e não se desviar do que Popovic chama de “o centro invariante” do [texto]. Corresponder-se com os [escritores] sobre certas dificuldades de seus textos, convidá-los e conviver com eles quatro ou cinco dias, compartilhar refeições, entrar em contato imediato com a palavra fluida que o texto só nos deu petrificado em seu esplendor escrito, viver, portanto, a proximidade emocionante com o criador são aspectos essenciais na aventura da TC [Tradução Coletiva] [...]. (Guatelli-Tedeschi, 2011, p. 99).⁵

5 «[...] Lejos de apartarnos de los autores como propugnan los adeptos de la traducción heroica y sin red, abogo por una traducción eficaz que se nutra del contacto directo con el escritor, no para que éste nos explique su “querer decir” sino más bien su “querer hacer” y su contexto referencial. Ya sabemos que el autor no tiene autoridad sobre su texto; una vez editado el texto se pertenece a si mismo y a sus lectores. Con todo, en determinados aspectos, valiosa es la voz del autor que permite encontrar con seguridad y no alejarse de lo que Popovic llama «el centro invariante» del texto. Cartearse con los escritores acerca de ciertas dificultades de sus textos, invitarlos y convivir con ellos durante cuatro o cinco días, compartir mesa y mantel, entrar en contacto inmediato con la palabra fluida que el texto sólo nos daba petrificada en su esplendor escrito, vivir, pues, la excitante cercanía del creador son aspectos esenciales en la aventura de la TC [Traducción Colectiva] [...]»

Em relação à colaboração mencionada por Guattelli-Tedeschi, destacamos que fomos agraciados com conversas estimulantes junto às autoras granadinas, as quais se prontificaram, não só a auxiliar nas dificuldades tradutórias, mas também revelaram-se verdadeiros oásis de humanidade, de boa vontade, de generosidade. Ao falarem de seus processos criativos, do valor da memória, para reelaborar poeticamente muitas de suas experiências vividas e plasmá-las em narrativas repletas de emoção. Tais narrativas nos tocaram, indelivelmente, nos propiciaram revisitar nosso passado, nossos sentimentos mais íntimos e, acima de tudo, compreender que a literatura tem uma capacidade extraordinária de aproximar povos, culturas e pessoas, em todos os tempos e em todas as épocas.

Além disso, os encontros virtuais foram motivo de muita alegria para nossos alunos, que começaram a trilhar o percurso da pesquisa em tradução. A cada reunião, podiam não apenas conhecer as autoras, bem como falar com elas e ouvi-las, pois o ambiente era descontraído. De início, alguns ficavam tímidos, mas à medida que a conversa se desenvolvia, caíam as barreiras. Essa aproximação, mesmo *on-line*, certamente serviu para que nossos alunos percebessem que há um campo de trabalho muito interessante a partir da metodologia que a tradução coletiva nos apresenta.

Nesse sentido, o propósito que sempre norteou

nosso exercício tradutório foi o de difundir os textos e as escritoras granadinas em nosso polissistema literário, de modo a suscitar a leitura, a interpretação e a análise de seus relatos em trabalhos acadêmicos (artigos, dissertações e teses). Além disso, interessa-nos conquistar aquele leitor que lê somente pelo prazer e promover a fruição da leitura de obras estrangeiras traduzidas. Dessa maneira, “os objetivos conduzem logicamente à publicação da tradução que, de artefato verbal alcançado, deve adquirir o status de produto editorial publicado” (Guatelli-Tedeschi, 2011, p. 97).⁶

Qualquer atividade tradutória, seja coletiva ou não, deveria sempre vir acompanhada da compreensão de que ela não é única e que qualquer texto (ficcional, poético, ensaístico...) pode gerar outras traduções, em épocas distintas, remetendo a um processo enriquecedor de atribuição de novos significados à medida em que o tempo transcorre:

A tradução é assim uma das leituras possíveis do texto, a realização de suas potencialidades. Por isso estamos no terreno da dialética do mesmo e do outro. Podemos pensar que todo texto traduzido é um texto reescrito, mas é também um texto a reescrever, pois ele sempre permitirá outras versões. Nisto reside a riqueza do

6 «Los objetivos conducen con toda lógica a la publicación de la traducción que, de artefacto verbal conseguido, debe de adquirir estatus de producto editorial difundido.»

procedimento da tradução literária, a de tornar real a potencialidade que o texto original tem de ser outro. (Carvalhal, 2003, p. 227).

A consciência de que todo esforço tradutório acaba sendo um pouco efêmero deixa patente a humildade que envolve toda tradução, a qual pode até ser considerada como excelente em um dado momento, mas que pode ser alterada, com o acréscimo de novas informações ou mesmo atualizações de vocabulário, de rearranjos estilísticos, de novas maneiras de se expressar, comuns a qualquer língua.

Nessa perspectiva, entendemos que a tradução é uma atividade marcada pelo binômio que pressupõe, em alguma medida, uma invenção do texto de partida e a sua consequente recriação na língua de chegada:

[...] a tradução é um procedimento que permite ao texto sempre uma nova versão, um novo destino junto a leitores inicialmente não previstos, uma transposição no tempo e no espaço que lhe assegura o prolongamento. O texto traduzido é ainda o mesmo e já é outro. Daí a intervenção, no processo realizado, do componente invenção/recriação. Traduzir é, portanto, recriar numa operação que transporta as intenções primeiras, fazendo-as ressurgir com vitalidade no novo código que as abriga. (Carvalhal, 2003, p. 229).

Mesmo que reconheçamos a historicidade da reflexão anterior, ao utilizarmos termos como “transporte [de] intenções primeiras” e “códigos”, parece-nos adequadíssimo, ainda hoje, pensar no procedimento tradutório como invenção e/ou recriação. Embora reconheçamos, atualmente, o tradutor como mais um dos elos no processo de produção de sentido (Mittmann, 2003, p. 25), estabelecido ao longo do percurso da tradução, estamos conscientes da caminhada teórico-crítica que nos trouxe até aqui.

Corroborando as observações de Carvalhal, o crítico e poeta Octavio Paz (2009, p. 27) afirma que tradução e criação são operações gêmeas, uma vez que “a tradução é indistinguível muitas vezes da criação”. Sendo assim, “há um incessante refluxo entre as duas, uma contínua e mútua fecundação”, a qual revitaliza e enriquece os textos traduzidos e, guardadas as devidas proporções, equipara o trabalho do tradutor ao do autor.

Traduzir coletivamente os contos desta antologia nos colocou diante de uma tarefa inicialmente impensada. Isso porque, além da já mencionada dificuldade para tomar decisões tradutórias conjuntas, segundo Guillén (1985, p. 375), a organização deste tipo de trabalho também é um processo delicado: “[...] a antologia é uma forma coletiva intertextual que supõe a reescritura ou reelaboração, por parte de um leitor de textos, já

existentes mediante sua inserção em conjuntos novos”.⁷

Além disso, Guillén (1985, p. 376-77) chama a atenção para os critérios de seleção dos textos que devem compor a antologia: se é coletiva ou restringe-se a um só autor, se é diacrônica ou sincrônica, se é genérica ou temática, conservadora ou militante. Ainda pergunta quais são os critérios de seleção e até que ponto estes conseguem integrar um conjunto — perguntas que tentamos responder com mais afinco a partir de nossa escolha: vozes femininas da Espanha contemporânea.

Tendo em vista as considerações de Guillén (1985, p. 375-77), além do que assevera Guatelli-Tedeschi (2011), estamos diante de um processo de escolha coletiva superpotencializado. Não apenas precisamos entrar em acordo em relação às soluções tradutórias, como também ao que se refere à estruturação da antologia em si. Felizmente, o entrosamento do grupo permitiu, a partir de um processo coletivo, chegarmos ao resultado (García Yebra, 1983, p. 145-158), que agora se apresenta.

Tudo isso nos fez vislumbrar, na prática, o exercício de reinventar e recriar um texto, além de compartilhar a emoção de descobrir uma palavra mais adequada para determinado vocábulo da língua de partida, nas conversas e diálogos conjuntos a respeito de uma

7 «La antología es una forma colectiva intratextual que supone la reescritura o reelaboración, por parte de un lector, de textos ya existentes mediante su inserción en conjuntos nuevos.»

determinada expressão. Ademais, junto às discussões a respeito das escolhas e opções tradutórias, esse tipo de atividade traz sempre à tona interpretações e permite aprofundar os sentidos e os significados que se encontram latentes no texto de partida. Dessa maneira, com nosso trabalho, esperamos divulgar relatos concebidos por escritoras de língua espanhola, as quais se voltaram para assuntos relativos ao mundo das mulheres, que embora tangenciem o particular, tornam-se universais à proporção que ensejam um mergulho em experiências e fatos que têm acompanhado o universo feminino desde os primórdios da humanidade.

Acrescentamos, finalmente, que antes de iniciar cada parte do nosso livro, incluímos fotos que reproduzem paisagens de Granada e uma que contempla as quatro escritoras, cujos contos tivemos a honra de traduzir.

TRADUCERE

Altamir Botoso
Bárbara Loureiro Andretta
Caroline de Castro Duarte Moura Flores
Estefanía Bernabé Sánchez
Fernanda de Paula Araújo
Luciana Ferrari Montemezzo
Pedro Lucas Pereira Milani
Rafaela Batista Brasil
Simone Sardinha Brito

Referências

CARVALHAL, Tania Franco. *O próprio e o alheio*. Ensaios de literatura comparada. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

GARCÍA YEBRA, Valentín. Ideas generales sobre la traducción. *Tradução e Comunicação*. São Paulo: Edusp, 1983, n. 2, p. 145-158.

GUATELLI-TEDESCHI, Joëlle. Contextos y texto en traducción poética colectiva. Traducir la voz lírica en la Lomonosov (UEM). *Mundo Eslavo*, 10 (2011), p. 91-106. Disponível em: <https://revistaseug.ugr.es/index.php/meslav/article/view/17500/15325>. Acesso em: 13 abr. 2023.

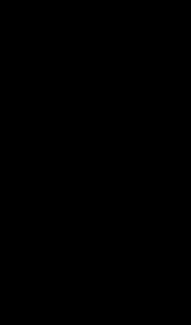
GUILLÉN, Claudio. *Entre lo uno y lo diverso*. Introducción a la Literatura Comparada (Ayer y hoy). Barcelona: Tusquets, 1985.

MITTMANN, Solange. *Notas do tradutor e processo tradutório*. Análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva. Porto Alegre: EDUFRGS, 2003.

PAZ, Octavio. *Tradução: literatura e literalidade*. Ensaio traduzido por Doralice Alves de Queiroz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.



Vista do Paseo de los Tristes (outro ângulo da imagem da capa do livro), no sopé de La Alhambra, que antigamente era rota dos cortejos fúnebres.



PRESENTACIÓN

ESTEFANÍA BERNABÉ SÁNCHEZ

*Voces femeninas: antología bilingüe de cuentos
españoles contemporáneos*

Toda obra literaria es gestada en torno a un entramado social, lingüístico e histórico, también emocional, que moldea las capas más profundas de la psique de su autor y que se trenza en el tejido mismo de la escritura. Se trata de un complejo proceso por el que un texto va orgánicamente tomando forma a través de las infinitas posibilidades semánticas dentro de un tiempo, un espacio y un medio definidos. Una vez hecho cuerpo, el texto es lanzado desde el presente creativo de su autor a la Historia. Allá por 2009, un grupo de mujeres decidió unir fuerzas literarias, unirse en el acto de crear, compartir y lanzar sus textos a la Historia. Sin ser profesionales ni pretenderlo, sin requisitos ni expectativas, se articulaban en torno a un compromiso creativo intenso al que se irían uniendo otras voces, hasta las diez que hoy lo componen. Había nacido, sin saberlo y sin alharacas,

un fértil grupo femenino de creación literaria bautizado como *El Laurel de la Azotea* en alusión a una planta de laurel, que curiosamente resultó no serlo, y a una azotea de la ciudad de Granada desde la que podían verse las nieves de la Sierra, allá en la lejanía.

Escribir como acto de fe, escribir para estrechar el vínculo con esta tierra madre todopoderosa que nos acoge, escribir como juego íntimo y necesario son los motores de este *Laurel*, que el equipo de *Traducere* ha hecho suyo durante los meses dedicados a analizar sus textos, a desmenuzarlos, a traducirlos desde el absoluto respeto y la complicidad de las musas. Cada autor, dice el filósofo español Emilio Lledó, forjado sobre su propia memoria, íntegra, a través de ella, las experiencias colectivas y asume, a través del filtro de su individualidad, todo aquello que después se tornará obra literaria⁸.

Eso es.

El *Laurel*, forjado en sí a través de la memoria y las inquietudes de sus integrantes, ha depositado en manos del equipo de *Traducere* doce de sus textos, de cuatro autoras distintas, M.^ª Ángeles Barrionuevo, Rosario P. Blanco, Elvira Cámara e Isabel M.^ª Martos, así como sus presentaciones biográficas, abriendo un universo de susurros posibles, de infinitos tejidos que

8 LLEDÓ, E. *El surco del tiempo*. Barcelona: Crítica, 2000.

este colectivo de traductores ha ido deshilando en un magnífico trabajo de lectura a fuego lento, vertiendo posibilidades al portugués, debatiendo y acordando, manteniendo la pureza intrínseca de la raíz textual con la sutilidad de su trabajo y su magnífico quehacer. En definitiva, deshilar para volver hilar. Esa es la función última de un traductor, llegar a la urdimbre básica de un texto, poder leer entre líneas, reconducir lo percibido, verterlo, dotar de (nueva) vida. Decía Ortega y Gasset que este es un *afán* utópico⁹. Difícil y arduo sí, maestro, de picapedrero tal vez, sutil, minucioso, desalentador por momentos... pero utópico nunca, y aquí está la prueba, estas *Voces femeninas: antología bilingüe de cuentos españoles contemporáneos* que les ofrecemos a continuación.

9 ORTEGA Y GASSET, J. Miseria y esplendor de la traducción. En: *Obras Completas* V. Madrid: Revista de Occidente, 1957.

APRESENTAÇÃO

ESTEFANÍA BERNABÉ SÁNCHEZ

*Vozes femininas: antologia bilíngue de contos
espanhóis contemporâneos*

Toda obra literária é gestada em torno de uma tessitura social, linguística e histórica, também emocional, que molda as camadas mais profundas da psique do seu autor e que está entrelaçada no próprio tecido da escrita. Trata-se de um processo complexo pelo qual um texto vai tomando forma através das infinitas possibilidades semânticas dentro de um tempo, espaço e meio definidos. Assim que toma uma forma, o texto é lançado, a partir do presente criativo de seu autor, para a História. Em 2009, um grupo de mulheres decidiu juntar forças literárias, unir-se no ato de criar, partilhar e lançar os seus textos à História. Sem serem profissionais nem pretenderem sê-lo, sem exigências nem expectativas, articularam-se em torno de um intenso compromisso criativo ao qual se juntariam outras vozes, até chegarem às dez que hoje o compõem. Havia nascido, sem

saber e sem alardes, um fértil grupo feminino de criação literária, nomeado como *El Laurel de la Azotea*, em alusão à planta do loureiro (*laurel*), que acabou por não ser isso, e a um terraço da cidade de Granada, de onde se avistavam as neves da Serra, lá longe.

Escrever é como um ato de fé, escrever para fortalecer o vínculo com esta terra mãe toda poderosa que nos acolhe, escrever como jogo íntimo e necessário são os motores deste *Laurel*, que a equipe *Traducere* tornou seu durante os meses dedicados a analisar seus textos, a esmiuçá-los, a traduzi-los a partir do absoluto respeito e da cumplicidade das musas. Cada autor, pondera o filósofo espanhol Emilio Lledó, forjado na sua própria memória, integra, através dela, as experiências coletivas e assume, por meio do filtro da sua individualidade, tudo aquilo que depois se tornará obra literária.¹⁰

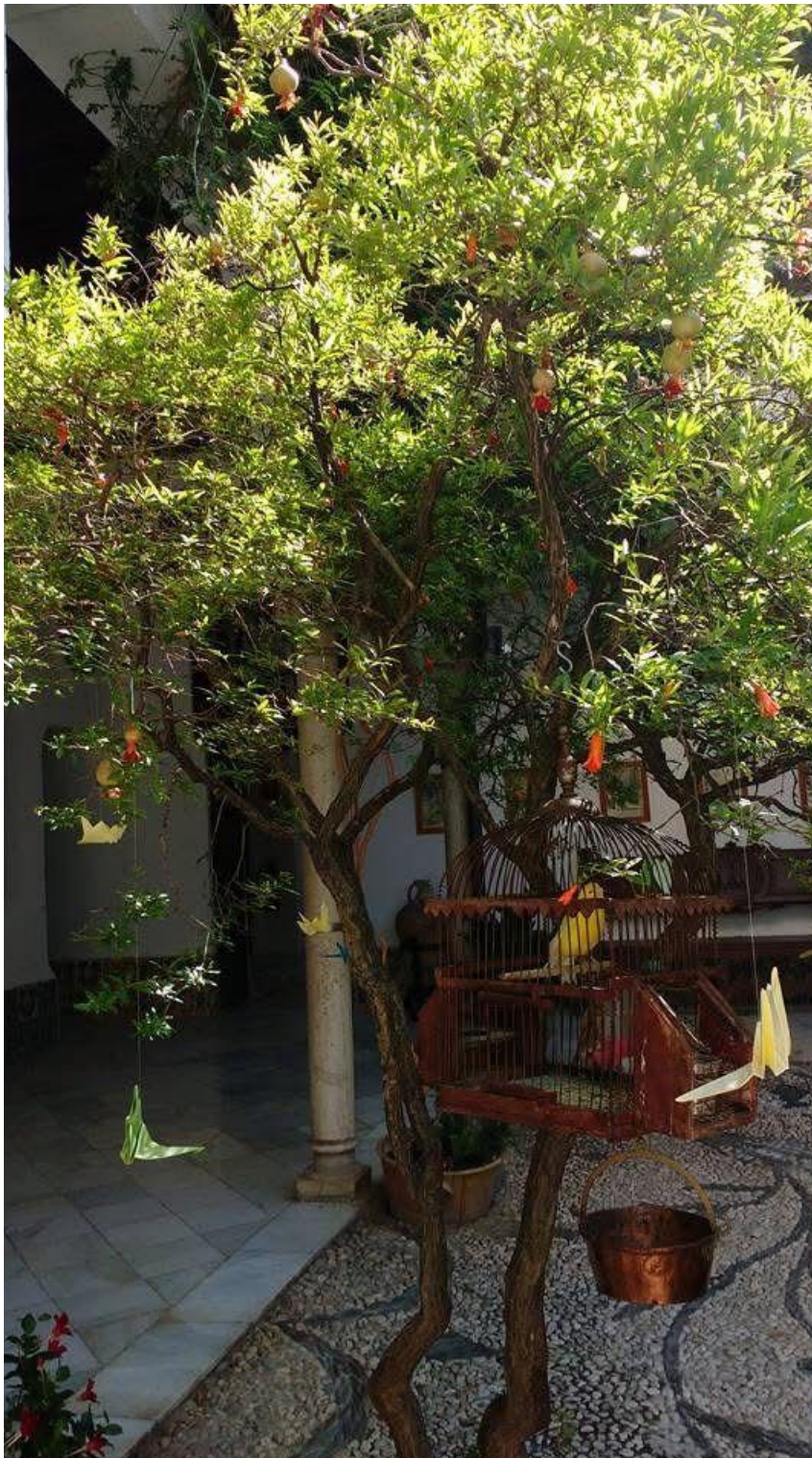
Assim é.

O *Laurel*, concebido em si mesmo através da memória e das preocupações de suas integrantes, depositou nas mãos da equipe do *Traducere* doze dos seus textos, de quatro autoras diferentes, M.^a Ángeles Barrionuevo, Rosario P. Blanco, Elvira Cámara Aguilera e Isabel M.^a Martos Rozas, assim como suas apresentações biográficas, abrindo um universo de murmúrios possíveis, de infinitas tramas que este grupo de tra-

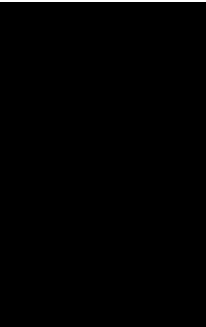
10 LLEDÓ, E. *El surco del tiempo*. Barcelona: Crítica, 2000.

dutores vem desvendando num magnífico trabalho de leitura a fogo lento, vertendo possibilidades para o português, debatendo e concordando, mantendo a pureza intrínseca da raiz textual com a sutileza de seu esforço e sua magnífica tarefa. Em resumo, destecer para voltar a tecer. Essa é a função última de um tradutor, chegar à urdidura básica de um texto, ser capaz de ler nas entrelinhas, redirecionar o que é percebido, traduzi-lo, dar-lhe (nova) vida. Ortega y Gasset afirma que este é um *trabalho* utópico¹¹. Difícil e árduo sim, mestre, garimpeiro da palavra, sutil, meticoloso, às vezes desanimador..., mas nunca utópico, e eis aqui a prova, estas *Vozes Femininas: antologia bilíngue de contos espanhóis contemporâneos* que oferecemos a seguir.

11 ORTEGA Y GASSET, J. "Misericórdia y esplendor de la traducción", en *Obras Completas* V. Madrid: Revista de Occidente, 1957.



Fotografia de um pátio de Granada.



ELVIRA CÁMARA

EL PROCESO DE ESCRIBIR

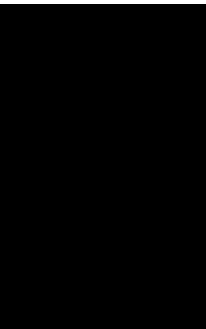
Escribir es fruto de una necesidad que, cuando se ve saciada como el hambre, me deja satisfecha por un tiempo. A veces, el desencadenante de la creación puede ser una idea, una persona o una actitud; otras, un lugar, un objeto o un simple sonido bastan para que esta dé comienzo. En todas las situaciones, la emoción ha de acompañarme a lo largo del proceso, haciendo que el relato o el poema tenga vida y no se perciba como un conjunto inerte de palabras sobre una hoja de papel.

Será la emoción la encargada de hilvanar la historia, de dar con los adjetivos apropiados y siempre justos —ni más, ni menos— para que el resultado sea acorde con el contexto —ni excesivamente recargados, ni excesivamente sobrios—. Será el oído el que supervise

la labor dirigida por la emoción, el que dé el visto bueno a la eufonía de los elementos, y lo hará atendiendo al equilibrio, la ecuanimidad, la sobriedad y la armonía.

Para terminar, la prueba definitiva será dejar reposar el texto y retomarlo con distancia temporal y emocional para ver si sigue despertando en mí el sentimiento que lo concibió.

Entonces habrá visto la luz un nuevo retoño literario.



ELVIRA CÁMARA

O PROCESSO DE ESCREVER

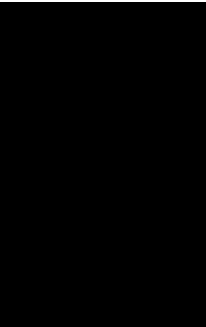
Escriver é fruto de uma necessidade que, quando saciada, como a fome, me satisfaz por um tempo. Às vezes, o gatilho para a criação pode ser uma ideia, uma pessoa ou uma atitude; outros, um lugar, um objeto ou um simples som são suficientes para que ela tenha início. Em todas as situações, a emoção tem de me acompanhar ao longo do processo, fazendo com que a história ou o poema ganhem vida e não sejam percebidos como um conjunto inerte de palavras sobre uma folha de papel.

A emoção se encarregará de tecer a história, de encontrar os adjetivos adequados e sempre justos — nem mais, nem menos — para que o resultado seja coerente com o contexto — nem excessivamente sobrecarregado, nem excessivamente sóbrio. Será o ouvido

que supervisionará o trabalho dirigido pela emoção, aquele que dará sinal verde à eufonia dos elementos, e o fará atentando para o equilíbrio, a equanimidade, a sobriedade e a harmonia.

Por fim, a prova definitiva será deixar o texto descansar e voltar a ele com distanciamento temporal e emocional para ver se continua despertando em mim o sentimento que o concebeu.

Então, um novo rebento literário terá saído à luz.



ELVIRA CÁMARA

INDESEADA LIBERTAD

—Necesitas salir, retomar tu vida, tener actividad
—le aconsejó su sobrina en una visita más profesional que personal.

—Vivo bien así. No necesito nada. No te preocupes por mí.

—Tío, el periodo de duelo ya ha pasado y tú sigues aferrado a estas cuatro paredes y a sus recuerdos. Eso no te beneficia.

—Estoy bien, créeme. Ah, y deja a un lado la psicología cuando vengas a verme.

Se marchó dándole vueltas a cómo ayudar a su tío sin que este lo percibiera como una terapia. No había andado cincuenta metros cuando se detuvo ante un escaparate.

—¿Qué haces aquí de nuevo? —le preguntó el anciano al verla regresar.

—He venido a traerte un regalo. No necesita tantos cuidados como un perro y te hará compañía —dijo sacando una pequeña jaula de detrás de su cuerpo—. Es un jilguero y tiene un canto precioso. La jaula es pequeña. Te aconsejo que le compres una más grande cuando puedas.

Nunca había sido un amante de los animales, pero tampoco generaban en él sentimientos de rechazo, así que el espontáneo regalo le agradó mucho más de lo que hubiera imaginado.

Contemplar con ojillos de niño inquieto a su nuevo amigo se convirtió en un agradable quehacer doméstico. El pajarillo daba pequeños brincos, se balanceaba, bebía agua, pero no emitía gorjeo alguno. «Tú también necesitarás tiempo», pensó.

Los días pasaban con la rapidez de una nube de tormenta y el jilguero ya no se movía con la misma agilidad; el comedero parecía estar intacto. Quizá estar al aire libre y recibir la luz del sol le ayudarían a reponerse. Descolgó una maceta de geranios marchitos que había en la pared y colocó la jaula en su lugar. Intentó despreocuparse, aunque sus visitas al balcón y los pretextos para hacerlas, en ocasiones, forzaban en su rostro una media sonrisa: «¿Lloverá como ha dicho

la radio? ¿Habré echado agua suficiente a las plantas?»

Un buen día algo cambió. Comenzó a escuchar un trino, pero estaba seguro de que no era el de su nuevo compañero. Se acercó despacio; no quería hacer ruido. Encontró a un gorrión sobre la jaula. Con sus continuos saltos y gorjeos intentaba atrapar la atención del jilguero. Este comenzó a moverse. Con sorprendente rapidez empezó a brincar de un punto a otro del minúsculo habitáculo; también a emitir tímidos sonidos. Hacía más de un año que sus labios y sus ojos no sonreían: el gorrión había conseguido que aquel pajarillo de colores vivos recuperara la energía. Pero no había venido para quedarse y el jilguero volvió a su silencio.

No quería comprarle una jaula más grande, donde pudiera percibir más espacio, espacio, al fin y al cabo, contenido entre plateados barrotes. Quería que saltara alegremente, que volviera a gorjear como lo hacía cuando el gorrión los visitaba, que desplegara sus alas en un espacio sin límites.

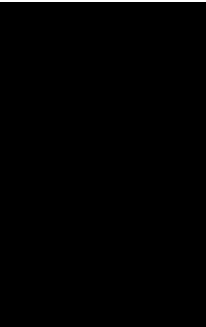
Abrió la jaula y el jilguero se quedó inmóvil. A las llamadas de su amigo, hizo algunos movimientos hasta encontrar la salida. Ya en el suelo, sus tímidos brincos no le facilitaban el vuelo hacia su libertad. El gorrión se posó sobre la barandilla. Parecía querer mostrarle el camino. Pero el miedo era plomo sobre sus tiernas alas. El anciano acudió en su ayuda. Con mucha delicadeza lo colocó sobre la barandilla, deseoso de verlo volar. Nada sucedió.

«En la tienda me podrán ayudar», pensó y, metiéndolo de nuevo en la jaula, pisó la calle después de meses de voluntario encierro.

—Este pájaro vivía en pareja, pero vendimos a la hembra. Suelen adaptarse bien y no tener dependencia. No se preocupe, necesitará algo más de tiempo. Tome, póngale estas vitaminas en el agua y ya verá cómo en unos días es puro clamor.

Se fue a casa queriendo convencerse de que sería así. Lo sacaba al balcón y con la visita de su amigo parecía recuperarse; cuando este se marchaba, un velo invisible de tristeza cubría aquella estancia.

Había dejado la jaula abierta anhelando que en cualquier momento el jilguero se atreviera a volar; sin embargo, lo que sucedió quedaría grabado para siempre en su memoria. El gorrión había entrado en la jaula. Con su pico, intentaba dar un grano de alpiste al jilguero, que se había ido apagando como la luz de aquel mismo atardecer. Con mucho cuidado cerró el gran ventanal. Quitó la sábana que cubría la mecedora y, en la indolencia de un anestésico vaivén, se entregó a un segundo duelo.



ELVIRA CÁMARA

LIBERDADE INDESEJADA

— Você precisa sair, retomar sua vida, ter atividade
— aconselhou-lhe sua sobrinha em uma visita mais profissional que pessoal.

— Vivo bem assim. Não preciso de nada. Não se preocupe comigo.

— Tio, o período de luto já passou e você continua apegado a estas quatro paredes e a suas recordações. Isso não é bom para você.

— Estou bem, acredite em mim. Ah, e deixe de lado a psicologia quando vier me ver.

Foi embora pensando em como ajudar seu tio sem que este achasse que isso era uma terapia. Não tinha caminhado cinquenta metros quando se deteve diante de uma vitrine.

— O que você faz aqui de novo? Perguntou-lhe o velho ao vê-la regressar.

— Vim trazer um presente para você. Não precisa de tantos cuidados quanto um cachorro e fará companhia para você — disse tirando uma gaiola pequena detrás de seu corpo —. É um pintassilgo e tem um canto lindo. A gaiola é pequena. Aconselho você a comprar uma maior quando puder.

Nunca tinha sido um admirador de animais, mas tampouco produziam nele sentimentos de rejeição, assim, o presente espontâneo agradou-lhe mais do que poderia ter imaginado.

Contemplar com olhinhos de menino inquieto seu novo amigo transformou-se em uma agradável tarefa doméstica. O pequeno pássaro dava minúsculos saltos, balançava-se, bebia água, mas não emitia nenhum canto. “Você também precisará de tempo”, pensou.

Os dias passavam com a rapidez de uma nuvem de tempestade e o pássaro já não se movia com a mesma agilidade; o comedouro parecia estar intacto. Talvez estar ao ar livre e receber a luz do sol o ajudassem a se recuperar. Retirou um vaso de gerânios murchos que havia na parede e colocou a gaiola em seu lugar. Tentou ficar despreocupado, embora suas idas à sacada e os pretextos para fazê-las, frequentemente, forçavam em seu rosto um leve sorriso: “Choverá como disse o

rádio? Terei jogado água suficiente nas plantas?”

Um belo dia algo mudou. Começou a escutar um trinado, mas estava seguro de que não era o novo companheiro. Aproximou-se devagar; não queria fazer barulho. Encontrou um pardal sobre a gaiola. Com seus saltos contínuos e cantos tentava atrair a atenção do pintassilgo. Este começou a se movimentar. Com rapidez surpreendente, passou a saltar de um ponto a outro da minúscula gaiola; também a emitir tímidos sons. Fazia mais de um ano que seus lábios e seus olhos não sorriam; o pardal tinha conseguido que o pequeno pássaro de cores vivas recuperasse a energia. Mas não tinha vindo para ficar e o pintassilgo voltou ao seu silêncio.

Não queria comprar-lhe uma gaiola maior, onde pudesse perceber mais espaço, espaço, no fim das contas, contido entre grades prateadas. Queria que saltasse alegremente, que voltasse a cantar como fazia quando o pardal os visitava, que abrisse suas asas num espaço sem limites.

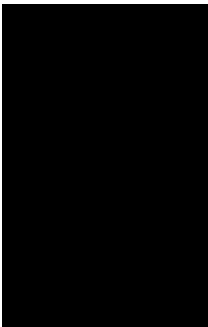
Abriu a gaiola e o pintassilgo ficou imóvel. Aos chamados do seu amigo, fez alguns movimentos até encontrar a saída. Já no chão, seus tímidos saltos não lhe facilitaram o voo para sua liberdade. O pardal pousou sobre um parapeito. Parecia querer mostrar-lhe o caminho. Mas o medo era chumbo sob suas ternas asas. O velho correu em seu auxílio. Com muita delicadeza, colocou-o sobre o parapeito, desejoso de vê-lo voar. Nada aconteceu.

“Na loja poderão me ajudar”, pensou e, colocando-o de novo na gaiola, pisou na rua depois de meses de confinamento voluntário.

— Este pássaro fazia parte de um casal, mas vendemos a fêmea. Costumam adaptar-se bem e não ter dependência. O senhor não se preocupe, precisará de um pouco mais de tempo. Tome, coloque estas vitaminas na água e verá como em alguns dias estará radiante.

Foi para casa querendo convencer-se de que seria assim. Levava-o para a sacada e com a visita de seu amigo parecia recuperar-se; quando este ia embora, um véu invisível de tristeza cobria aquele lugar.

Tinha deixado a gaiola aberta desejando que a qualquer momento o pintassilgo se atrevesse a voar, no entanto, o que aconteceu ficaria gravado para sempre em sua memória. O pardal tinha entrado na gaiola. Com seu bico, tentava dar um grão de alpiste para o pintassilgo, que foi se apagando como a luz daquele mesmo entardecer. Com muito cuidado fechou a grande janela. Tirou o lençol que cobria a cadeira de balanço e, na indolência de um vaivém anestesiante, entregou-se a um segundo luto.



ELVIRA CÁMARA

OJOS OBLICUOS

Con sus dedos cortos como brotes ya la acerca para sí, ya la desplaza, y con sus pequeños labios cuarteados le regala besos esponjosos como el algodón o volátiles como pompas que transportan el arco iris. Ella cierra los ojos y se hace la dormida. Entonces él, con sus minúsculos dedos, le separa los párpados y ambos dejan escapar sus risas en cascada. Satisfecho, se baja del sofá y desaparece en la tranquilidad de la estancia. Mientras, ella recuerda cuando se lo pusieron sobre el pecho, cuando lo besó y levantó su rostro para ver cómo era, a quién se parecía... y descubrió que no se parecía a los suyos, a nadie cercano. Sí, en cambio, a otros niños de sonrisa perpetua, perfil achatado y mirada oblicua; de orejas reducidas, flequillo arremolinado y barbilla desafiante en rostros casi redondos como una luna llena. Entonces quiso morir, creer que solo había sido un mal sueño, mirar para otro lado, pensar que el niño

de la cuna de enfrente era en verdad el suyo. Recuerda cómo lloró lágrimas de desesperación, que se maldijo, también al cielo, y a su marido, y a todo el que por allí pasaba con gesto compasivo o sin él. Cómo cerró los ojos e imploró a Dios que apartara de ella aquel cáliz, aquel niño de corazón tan frágil que si sobrevivía a su primera semana tendría que ser operado para poder seguir viviendo. Al poco tiempo, que, si esa era su voluntad, le diera fuerzas para beberlo...

Él interrumpe sus pensamientos cuando regresa con un libro en las manos y se lo acerca:

—Mamá, léeme el cuento —le pide con una sonrisa y la cabeza ladeada mirándola fijamente.

—Érase una vez, un niño de ojos oblicuos y orejas pequeñas al que sus papás recibieron con mucha, mucha alegría...

—Mamá, ¿cómo son los ojos oblicuos? —le pregunta cómo cada vez que leen el cuento.

Ella va a responderle, pero él se adelantó con una nueva pregunta.

—Mamá, ¿por qué lloras? Yo te quiero mucho.

Deja el libro sobre la mesa, lo abraza tiernamente, y, como cada vez, le responde:

—¡Los ojos oblicuos son los ojos más bonitos del mundo!

—¿Y yo los puedo tener? —inquieta en ese juego infinito de cada tarde.

—Tú eres un niño especial al que el cielo le ha concedido esos ojos tan bonitos.

Y como cada tarde, se abalanza sobre ella y se deshace en besos y escandalosas risas. Le encanta este cuento, es su favorito. Lo leen juntos cada día, a veces antes de ir a dormir, pero cuando está especialmente contento le gusta sentarse junto a ella, y que lo rodee con sus brazos para escucharlo con su voz y su melódica entonación. También a ella le gusta hacerlo. Hoy, no obstante, algo es diferente: nunca antes la ha visto llorar.

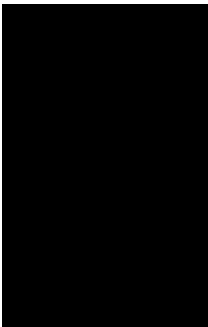
—¿Por qué lloras, mamá? —le pregunta de nuevo con un gesto de curiosidad.

—Porque estoy feliz —contesta ella cogiendo su carita con una mano y secándose las lágrimas con la otra.

—¿Y por qué estás feliz? —Con la lengua asomando entre sus labios, aguarda una respuesta de su madre, que se hace esperar.

—Porque... porque Dios me ha regalado al niño con los ojos más bonitos del mundo.

Y mientras dice esto, las lágrimas, tanto tiempo retenidas, se desbordan mejillas abajo.



ELVIRA CÁMARA

OLHOS AMENDOADOS¹²

Com seus dedos curtos como brotos ora a aproxima de si, ora a faz mudar de lugar, e com seus pequenos lábios ressecados lhe presenteia com beijos macios tal qual algodão ou voláteis como bolhas que transportam o arco-íris. Ela fecha os olhos e finge estar adormecida. Então ele, com seus minúsculos dedos, lhe separa as pálpebras e ambos deixam escapar gargalhadas. Satisfeito, desce do sofá e desaparece na tranquilidade do recinto. Enquanto isso, ela se recorda de quando o colocaram sobre seu peito, quando o beijou e levantou seu rosto para ver como era, com quem se parecia... e

¹² A opção por esse termo se deve ao fato de que “olhos oblíquos”, geralmente, remetem à personagem Capitu, do romance *Dom Casimiro* (1899), de Machado de Assis (1839-1908), uma das obras mais conhecidas da literatura brasileira. Na literatura médica, amendoado é um termo muito utilizado para se referir aos olhos das pessoas com Síndrome de Down.

descobriu que não se parecia com os seus, nem com ninguém próximo. Sim, ao invés disso, com outras crianças de sorriso perpétuo, perfil achatado e olhar amendoado; com orelhas encolhidas, franja em redemoinho e queixo desafiante em rostos quase redondos como uma lua cheia. Então quis morrer, acreditar que tinha sido só um sonho ruim, olhar para o outro lado, pensar que a criança do berço em frente era na verdade a sua. Lembra como chorou lágrimas de desespero, que se amaldiçoou, aos céus, a seu marido, e a todo aquele que passava por ali com gesto compassivo ou não. Lembra de como fechou os olhos e implorou a Deus que afastasse dela aquele cálice, aquela criança de coração tão frágil que se sobrevivesse a sua primeira semana, teria de ser operada, para poder continuar vivendo. Logo em seguida, que se essa fosse Sua vontade, lhe desse forças para bebê-lo...

Ele interrompe seus pensamentos quando volta com um livro nas mãos e o entrega para ela:

— Mãe, conta aquela história para mim — pede com um sorriso e a cabeça inclinada olhando-a fixamente.

— Era uma vez, um menino de olhos amendoados e orelhas pequenas cujos pais receberam com muita, muita alegria...

— Mãe, como são os olhos amendoados? — Pergunta-lhe toda vez que leem a história.

Antes da resposta, ele se adianta com uma nova pergunta.

— Mãe, por que você está chorando? Eu te amo muito.

Ela deixa o livro sobre a mesa, o abraça com ternura, e, como sempre, lhe responde:

— Os olhos amendoados são os mais bonitos do mundo!

— E eu posso tê-los? — Pergunta naquela brincadeira de todas as tardes.

— Você é um menino especial a quem o céu concedeu esses olhos tão bonitos.

E como todas as tardes, se lança sobre ela e se desmancha em beijos e risadas escandalosas. Ele adora essa história, é a sua favorita. Eles a leem juntos todos os dias, às vezes antes de dormir, mas quando ele está especialmente feliz, gosta de sentar-se perto dela, e que o envolva em seus braços para ouvi-la com sua voz e sua entonação melódica. Ela também gosta de fazer isso. Hoje, no entanto, algo está diferente: ele nunca a viu chorar antes.

— Por que você está chorando, mãe? — Pergunta-lhe de novo com um gesto de curiosidade.

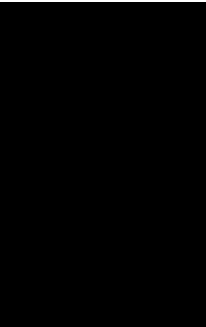
— Porque estou feliz — ela responde segurando seu

rostinho com uma mão e enxugando as lágrimas com a outra.

— E por que você está feliz? — Com a língua entre os lábios, aguarda uma resposta de sua mãe, que demora um pouco.

— Porque... porque Deus me deu de presente o menino com os olhos mais bonitos do mundo.

E enquanto diz isso, as lágrimas, por tanto tempo represadas, escorrem pela sua face.



ELVIRA CÁMARA

INVIERNO EN OHIO

Busca un punto de referencia que le ancle a su nuevo destino. Un año puede resultar tan efímero como las perseidas en una noche clara de agosto o convertirse en un lapso de tiempo extremadamente inabarcable, como la región de Atacama de la que procede. En su maleta, una rosa del desierto envuelta en algodón y papel del *Diario Chañarcillo* le proporciona una ingenua sensación de arraigo en tierra extraña.

De la arena ocre y las punzantes ventiscas en Copiapó, a la perlada nieve y la hoja afilada del viento polar capaz de seccionar gargantas en Cleveland. Con los brazos extendidos y la mirada puesta en el cielo, comienza a dar vueltas lentamente. Sicómoros y arces la abrazan mientras se desvanece en un sueño.

Tras la ventana de la redacción del periódico contempla con gesto obstinado cómo va cayendo la nieve. El movimiento suave y anárquico de los copos le hace pensar en una almohada que, de un golpe, dejara escapar todas sus plumas.

Debe volver al ordenador. Debe escribir un artículo sobre el invierno en Ohio para sus paisanos de Atacama que no conocen la estación blanca, de cielo color ceniza y tan obscena generosidad que obliga a vivir atrincherados días, cuando no semanas.

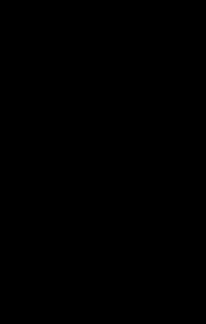
Frente a la pantalla, arena, ventisca, cactus, rocas, plantas rodadoras. Guanacos, vizcachas, escorpiones y un cóndor sobrevolando el cielo doblegado por un sol inclemente. Se pone en pie y regresa a la ventana: nieve, frío glacial, hayas, olmos. Gamos, ardillas rayadas, ardillas grises y un cardenal rojo que se acerca a los comederos de cerámica que cuelgan en los jardines de cada casa. En el corazón de la ciudad, vestigios de un esplendor metálico, de chimeneas y engranajes candentes entregados a un sueño colectivo.

La nariz invade el cristal. Sus ojos chispean. Resbala hasta caer de rodillas. Las manos se aferran al marco de madera y una amplia sonrisa se dibuja en su cara. Un gran copo se ha posado sobre la jardinera de narcisos. Busca sus gafas, de nuevo su cara contra el cristal. La estrella de las nieves, esa figura geométrica que simbolizaba la desconocida nieve en Chile,

es una realidad al alcance de sus ojos. Abre la venta. Ahora al alcance de sus manos. Los copos se depositan en su palma derecha, pero, al contacto con su piel, se desvanecen. Cierra bien. Se arrodilla y se agarra al marco de madera. Desde fuera solo se ven sus dedos fuertemente aferrados y sus ojos llenos de entusiasmo. Sigue nevando. Los narcisos se cubren de milimétricas figuras de cristal de hielo.

La estrella de las nieves existe.

Vuelve rápidamente al ordenador y escribe esta historia.



ELVIRA CÁMARA

INVERNO EM OHIO

Procura um ponto de referência que lhe ancore ao seu novo destino. Um ano pode se tornar tão fugaz quanto as perseidas em uma noite clara de agosto, ou pode se transformar em um período extremamente inabarcável, como a região do Atacama da qual procede. Em sua mala, uma rosa do deserto embrulhada em algodão e papel do *Diario Chañarcillo* lhe dá uma sensação ingênua de estar enraizada em uma terra estranha.

Da areia ocre e das nevascas cortantes de Copiapó, à neve perolada e ao perfurante vento polar capaz de cortar gargantas em Cleveland. Com os braços estendidos e os olhos fixos no céu, ela começa a girar lentamente. Figueiras e bordos a abraçam enquanto ela se desvanece em um sonho.

Atrás da janela da redação do jornal, observa teimosamente a neve cair. O movimento suave e anárquico dos flocos a faz pensar em um travesseiro que, de uma só vez, deixou escapar todas as suas penas.

Deve voltar ao computador. Deve escrever um artigo sobre o inverno em Ohio para seus conterrâneos do Atacama que não conhecem a estação branca, com um céu cor de cinza e uma generosidade tão obscena que obriga a viver entrincheirada por dias, senão semanas.

Na frente da tela, areia, nevasca, cactos, pedras, arbustos voadores. Guanacos, viscachas, escorpiões e um condor voando sobre o céu curvado por um sol inclemente. Se levanta e volta para a janela: neve, frio intenso, faias, olmos. Gamos, esquilos, esquilos cinzentos e um cardeal vermelho que chegam aos comedouros de cerâmica pendurados nos jardins de cada casa. No coração da cidade, vestígios de um esplendor metálico, de chaminés e engrenagens incandescentes entregues a um sonho coletivo.

O nariz invade o vidro. Seus olhos brilham. Desliza até cair de joelhos. Suas mãos se agarram à moldura de madeira e um largo sorriso se desenha em seu rosto. Um grande floco pousou em uma jardineira de narcisos. Procura seus óculos, novamente seu rosto contra o vidro. A estrela das neves, aquela figura geométrica que

simbolizava a neve desconhecida no Chile, é uma realidade ao alcance de seus olhos. Abre a venda. Agora ao alcance das suas mãos. Os flocos são depositados na palma da mão direita, mas, em contato com a sua pele, desaparecem. Fecha bem. Se ajoelha e agarra a moldura de madeira. Do lado de fora, você só pode ver seus dedos apertados e seus olhos cheios de entusiasmo. Continua nevando. Os narcisos estão cobertos com figuras milimétricas de cristal de gelo.

A estrela das neves existe.

Volta rapidamente para o computador e escreve esta história.



Plaza de la Fuente de las Batallas, localizada nas proximidades da Puerta Real.

ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

RESEÑA BIOGRÁFICA CON LIBERTAD POÉTICA

A los seis años decidí ser escritora. No lo pensé con esa palabra que muy probablemente desconocía, sino que fue más bien como un impulso, una necesidad de paladear las palabras con las manos y construir historias. No recuerdo qué escribí o si llegué a contarle algo a aquella libretita encuadernada en papel azul que saqué del cajón de un mueblecito de costura también azul, pero lo que sí tengo muy presente es lo que pensé: los romanos. Ese era el principio del mundo, pero ¡yo no sabía casi nada sobre ellos!

Me gustaba el ritmo de los poemas que leía en mi libro del cole,

«Tipi tape tipi tape tipi tape tipi ton...»

que mi libro supiera cuánto quería a mi madre.

«Mamita preciosa, mi dulce embeleso...»

«Embeleso». Esa palabra era nueva y blandita como la lana escardada.

Me gustaba que los animales hablaran en las fábulas. Me gustaban las canciones de Carlos Gardel que solo se podían escuchar a veces en la radio. Y sobre todo me gustaba que hubiera tantos mundos y todos reales: los que me habitaban, los de las páginas impresas; los que estaban más afuera: Argentina, ese país de distinto aroma al otro lado de un barco del que yo acababa de regresar; el propio barco, que era una ciudad en danza; Alemania, un lugar que debía ser distinguido porque mi madre se dirigió hacia él con un vestido estrecho, zapatos de charol y un caminar elegante. La casa de mi abuela, que era donde yo vivía, tenía habitaciones prohibidas en las que seguramente habitaran seres fantásticos: serían infinitas más allá de la penumbra en la que se hallaban y conducirían a enormes misterios. Había un patio grande y gatos y cartones para jugar.

Por aquella época, mi cuerpo no estaba relleno de vísceras sino de paisajes, pueblos, historias, personas y entre ellas había una niña que era yo misma y en cuyo interior había otras niñas-yo, otras historias, otras calles que eran idénticas y distintas a la vez.... Así hasta un infinito de muñecas rusas. Concepto, que por supuesto, entonces, yo no había escuchado aún ni hubiera sabido nombrar.

Pero el problema estaba en los romanos. Cualquier historia debía empezar por ellos, los primeros protagonistas del único libro que poseía y que podía leer entonces. Interpreté que, antes de escribir mis propios cuentos, tenía que aprender más sobre aquellos personajes de extraños ropajes que eran el principio de la historia. Comencé a leer etiquetas, los pocos anuncios escritos que había por la calle, las cajas de los medicamentos, los cómics de mi tío, fragmentos de periódicos que envolvían los alimentos... No recuerdo cuándo comencé a comprenderlos. Sí recuerdo la alegría de cada nuevo curso con libros de estreno.

El destino me distrajo de mi propósito de contar historias, pero me regaló la suerte de amar los viajes y la lectura; me vistió con una piel demasiado fina, pero me otorgó la palabra escrita para que a través de ella conjurara las emociones que al más leve roce la lastimaban. Como un ungüento que se esconde bajo una piedra para que su efecto siga vigente después de

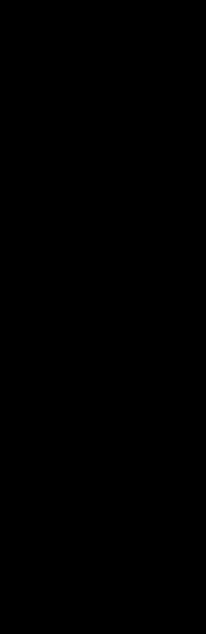
haberlo usado, yo escondía papelitos garabateados y bien doblados entre las vigas del techo, bajo las losas del patio y en los arriates.

La vida me fue requiriendo para otros menesteres, pero el duende de la escritura, que rezongaba a veces, me condujo a un par de obritas de teatro: *El pinchazo* y *Sueños de Metal*. Esta última publicada y estrenada en Sevilla a principios de los 90.

En 2020, en la publicación colectiva *Escribiré tu nombre*, vieron la luz algunos de mis relatos.

Otras historias, algunos poemas inéditos, un puñado de cuentos para mi hija y varias reflexiones y textos de diversa naturaleza se acurrucan en algún rincón olvidado.

A los seis años una niña curiosa, tímida, introvertida e imaginativa interpretó que necesitaba saber mucho para poder contar historias. Hoy, a los sesenta y uno, una aprendiz de escritora ha comprendido que, para escribir, solo hay que sentarse y dejar que el espíritu de las palabras pase a través de ella y vuele desde sus dedos.



ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

RESENHA BIOGRÁFICA COM LIBERDADE POÉTICA

Aos seis anos decidi ser escritora. Não pensei nisso com essa palavra que provavelmente desconhecia, foi mais como um impulso, uma necessidade de saborear as palavras com as mãos e construir histórias. Não me lembro do que escrevi ou se consegui dizer algo àquele caderninho encapado com papel azul que tirei da gaveta de um pequeno armário de costura também azul, mas aquilo que tenho muito presente é o que pensei: os romanos. Esse foi o começo do mundo, mas eu não sabia quase nada sobre eles!

Eu gostava do ritmo dos poemas que lia no meu livro escolar,

“Tipi tape tipi tape tipi tape tipi ton...”¹³

que meu livro soubesse o quanto eu amava minha mãe.

“Mamãe preciosa, meu doce encantamento...”

“Encantamento”. Essa palavra era nova e macia como algodão.

Gostava que os animais falassem em fábulas. Gostava das canções de Carlos Gardel que só às vezes se ouviam no rádio. E, acima de tudo, gostava que houvesse tantos mundos e todos eles reais: os que me habitavam, os das páginas impressas; os que estavam mais longe: a Argentina, esse país com um aroma diferente do outro lado de um barco do qual acabava de voltar; o próprio navio, que era uma cidade em festa; a Alemanha, um lugar que deveria ser diferenciado porque minha mãe foi para lá com um vestido apertado, sapatos de verniz e um andar elegante. A casa da

13 Memória afetiva da autora, neta de sapateiro, que cresceu junto aos avós. *Tipi tape* é a onomatopeia do barulho do sapateiro exercendo seu ofício. Como se trata de um poema, o ritmo desses sons onomatopaicos coincide com os seguintes versos: «La ronda del zapatero»: Tipi tape, tipi tape,/ tipi tape, tipitón;/ tipi tape, zapa zapa-/ zapatero remendón.// Tipi tape todo el día/ todo el año tipitón;/ tipi tape, macha macha-/ machacando en tu rincón.// Tipi tape en tu banqueta,/ tipi tape, tipitón,/ tipitón con tu martillo/ macha macha machacón.// ¡Ay tus suelas, zapa, zapa-/ zapatero remendón,/ ay tus suelas, tipi tape,/ duran menos que el cartón!// Tipi tape, tipi tape, tipi tape, tipitón.

minha avó, onde eu morava, tinha cômodos proibidos onde certamente habitariam seres fantásticos: seriam infinitos além da penumbra em que se encontravam e conduziriam a enormes mistérios. Havia um grande pátio e gatos e caixas para brincar.

Naquela época, meu corpo não estava cheio de entranhas, mas de paisagens, cidades, histórias, pessoas e, entre elas, havia uma menina que era eu mesma e dentro da qual havia outras meninas — eu, outras histórias, outras ruas idênticas e diferentes ao mesmo tempo... Assim até uma infinidade de bonecas russas. Conceito que, claro, então, eu ainda não tinha ouvido ou saberia como nomear.

Mas o problema era com os romanos. Qualquer história tinha que começar com eles, os primeiros protagonistas do único livro que eu possuía e podia ler na época. Compreendi que, antes de escrever meus próprios contos, eu tinha que aprender mais sobre aqueles personagens estranhamente vestidos que eram o começo da história. Comecei a ler rótulos, os poucos anúncios escritos que havia na rua, caixas de remédios, gibis do meu tio, fragmentos de jornal que embrulhavam os alimentos... Não lembro quando comecei a compreendê-los. Lembro-me sim da alegria de cada novo curso com livros recentes.

O destino me distanciou de meu propósito de contar histórias, mas me presenteou com a sorte de amar as

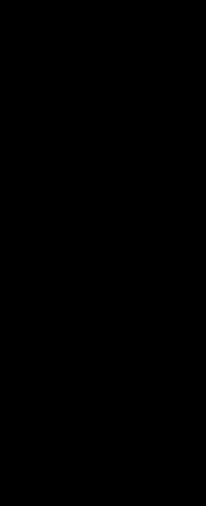
viagens e a leitura; me vestiu com uma pele muito fina, mas me deu a palavra escrita para que através dela eu pudesse invocar as emoções que ao mais leve toque a machucavam. Como um unguento que se esconde debaixo de uma pedra para manter seu efeito depois de usado, escondi papezinhos rabiscados e bem dobrados entre as vigas do teto, sob as lajes do pátio e nos canteiros.

A vida me exigia para outras necessidades, mas o duende da escrita, que às vezes resmungava, conduziu-me a um par de pequenas peças: *El pinchazo* e *Sueños de Metal*. Esta última foi publicada e estreada em Sevilha no início dos anos 1990.

Em 2020, na publicação coletiva *Escribiré tu nombre*, algumas de minhas histórias vieram à luz.

Outras histórias, alguns poemas inéditos, um punhado de histórias para minha filha e várias reflexões e textos de natureza diversa se amontoam em algum canto esquecido.

Aos seis anos, uma menina curiosa, tímida, introvertida e imaginativa compreendeu que precisava saber muito para poder contar histórias. Hoje, aos sessenta e um anos, uma aprendiz de escritora entendeu que, para escrever, basta sentar e deixar que o espírito das palavras passe por você e voe de seus dedos.



ISABEL M.^a **MARTOS ROZAS** **MARIA CATALINA**

Ahora que los relojes miden el tiempo de otra manera para mí, me he sentado de espaldas a la vida. A través de esta pequeña ventana que he elegido para contemplar mi pasado, quiero hacer las paces con algunos episodios de ese tiempo remoto que he ido revistiendo de poéticas mentiras cada vez que han intentado reivindicar su lugar en la memoria.

Hoy, que tu curiosidad vuelve a abrir algunas puertas que tantas veces decidí dejar cerradas para siempre, me vas a acompañar a una estancia en la que te gustaba reír y soñar porque solo conociste de ella unas cuantas anécdotas disfrazadas de carnaval. Siem-

pre disfrutabas con mis cuentos y quiero que sigas haciéndolo, pero ya eres una mujer adulta, lista, curiosa, luchadora y tan rebelde como yo lo era a tu edad. Eres también una persona culta, mucho más de lo que yo nunca hubiera podido ser, que merece saber la verdad. Por eso creo que ya es momento de rasgar los velos y mostrarte cómo fueron las cosas cuando mi mundo, como tú imaginaste en una ocasión en la inocencia de tu infancia, era en blanco y negro. Te dejé creerlo porque no te faltaba razón. Pero lo cierto es que llegó a ser de un gris sórdido y sucio que hería tanto la retina que, por puro instinto de supervivencia y para evitar la ceguera ante otros colores que quisimos recuperar, todos acordamos durante años revestirlo de olvido.

Hoy, que he hecho del silencio mi refugio para hilar mis recuerdos, esta vez desnudos, sin disfraces ni artificios; hoy, que sé que mis pisadas pronto serán borradas de la arena por ese mar que ineludiblemente me hará suya; hoy, que te sientas de nuevo a mi lado toda oídos, quiero tejer un tapiz para que solo tú lo mires. Luego, lo dejarás guardado en el fondo de un arcón con los otros restos náufragos de mi vida. Ese viejo arcón que ha sobrevivido a tantos avatares y que, arrinconado en el trastero de mi casa, guarda en forma de objetos inservibles algunos capítulos de mi vida. Aquellos que la casualidad, como las riadas, dejó atrapados en las orillas del tiempo y de la memoria. En ese arcón, te dejo algunas antiguallas valiosamente inútiles para que con

tu imaginación y el eco de mis relatos llenes las lagunas de la historia que no cuentan los libros, las lagunas en las que habitaron las gentes pequeñas de las que nadie se acuerda. Tal vez te den pie, cuando tú también seas abuela, a inventar, como yo, algún cuento en el que tus nietas nunca sabrán lo que fue cierto y lo que trajeron los vientos de la fantasía.

Desde esta ventana pequeña, puedo regresar a mis viejos paisajes y recordarlos con la misma precisión que el pintor recuerda cada detalle, cada pincelada de su obra. Aprendí a hacerlo en un momento oscuro del que solo quise guardar las pocas lecciones que me enseñaron a ser feliz. Sentada en este cómodo sillón de anciana que me habéis regalado para mi noventa cumpleaños, sólo veo un cuadrito de cielo azul, tan vacío y tan limpio como suelen estar siempre los cielos de Almería. Sobre él escribo mis pensamientos. A veces imagino que las palabras que brotan de mi cabeza se van dibujando en el aire y que quedarán ahí para que nadie olvide lo que nunca debió ocurrir y no debe volver a repetirse. Por si acaso el viento las arrastra, te contaré la versión adulta de nuestras divertidas historietas de infancia en las que ya nunca podré distinguir qué dije yo y qué añadió tu fantasía.

Encontrarás entonces la respuesta a tus recurrentes preguntas sobre por qué me voy del salón en determinados momentos de las noticias o por qué aborrezco

las películas violentas.

Te has reído mucho a lo largo de tu vida de este relato, por eso es el primero que voy a reconstruir para ti dejando al descubierto toda la cruda realidad que acompañó a la comicidad del único instante que tú conoces de este episodio. Lo hice divertido en su momento, como tantos otros, para que no crecieras en el rencor ni el odio. Para que nunca sintieras rabia hacia ninguno de sus protagonistas. Al fin y al cabo, ¿qué marioneta es culpable de la ineptitud del titiritero?

El cubo de zinc

Tenía dieciocho años recién cumplidos y, a pesar de las penurias de tres años de sinsentido en los que el hambre, los piojos y el miedo nos hicieron la vida casi imposible, no había perdido yo la alegría natural de mi carácter ni las ganas de reír, al menos en algunos momentos en los que las tristezas nos daban una tregua. Aquel martes de septiembre de 1939, casi en vísperas del día de la Virgen, me había levantado muy temprano para ir a la Fuente del Marqués a lavar, llegar a tiempo de un paseo tardío por el mercado y, si no comprar, porque ni había dinero ni mucha mercancía en los puestos, al menos intentar con mi simpatía y mi gracia —que la tenía por entonces más que ahora— que algún campesino me regalara algún resto de fruta o verdura que no hubiera vendido. La comida, en aquellos tiempos, no se pudría en las alacenas ni

se tiraba a la basura; los almuerzos se improvisaban cada mañana con lo que en forma de ingenio la suerte enviaba como un maná. Juan el del Llano me dio tres nabos y un pimientito a cambio de una sonrisa y de algún chascarrillo —como decíamos antes— y luego, recogí del suelo un par de tomates secos que habían caído junto a un serón y de los que nadie se había percatado antes que yo. ¡Qué buena vista la de entonces! Me fui contenta hacia mi casa ante la perspectiva del abrazo agradecido de mi madre y de una fritaílla de nabos.

Después de comer, volví a la fuente a recoger la ropa que había dejado tendida en unas retamas, la llevé a la casa de la señorita y se la dejé planchaíta y limpia como una patena. Tampoco me pagó ese día. Como siempre, me dijo que a cuenta de la renta que mi padre le debía, y me volvió a soltar la misma retahíla de que tres años son tres años, de lo desagradecidos que son algunos, que si no sé qué del perro que muerde la mano del amo, que si menos mal que cada uno está de nuevo en su sitio, que si la suerte que tenemos de que ellos sean personas buenas y cristianas temerosas de Dios, que si no...

Me fui contenta a casa a pesar de todo porque me sentía útil ayudando a pagar aquellas supuestas deudas de mi familia y porque en la juventud es de ley intentar ser feliz e ilusionarse con lo que harás en los próximos minutos. Caminé despreocupada bam-

boleando el cubo vacío de ropa y dando saltitos, de puntillas, como cuando era niña. Bajé por la calle Cervantes, crucé la plaza de la iglesia y al ver la cola de gente en la puerta de la tienda de Don Pantaleón, en la calle Silvela, me acerqué más que nada por charlar con alguien. No llevaba dinero ni cupones. Me refiero a esos cupones de racionamiento que había que comprar en el ayuntamiento para poder adquirir los cuatro productos básicos con los que se suponía teníamos que subsistir. Tampoco era aquel el establecimiento asignado a nuestra familia para las raciones. Así que mi interés en aquella cola era solo social. Mi amiga Emilia estaba allí y quería saludarla. No tardé mucho en percatarme de que los ánimos estaban un poco alterados. Parecía que acababan de llegar los suministros y ya no quedaban patatas ni aceite. Entonces no lo sabía. Ahora entiendo que la mayoría de las veces los alimentos básicos se desviaban, para el lucro de los que no sufrían escaseces, al mercado negro, al estraperlo. Había gente esperando desde hacía muchas horas que tendría que volver a casa sin el sustento mínimo para su familia.

Para poner orden, había junto a la fila dos soldados jóvenes, de mi edad poco más o menos, mal encarados y, visto con la perspectiva de los años, probablemente tan hambrientos y acobardados como el resto de las personas allí congregadas. Al acercarme a la fila, uno de ellos, el que parecía tener un rango superior, se dirigió a mí con malos modos para que me colocara en

la fila o me marchase.

—Déjame en paz, guapo —le dije con sorna y, mirando su carita pálida y barbilampiña y su bigotillo escaso, añadí:

—Y aféitate ese bigote que parece una fila de hormigas asustás sin chicha ni limoná.

No sé por qué dije lo que dije ni por qué hice, después, lo que hice. Tal vez fue solo la inconsciencia y la impulsividad de la juventud.

Me agarró con violencia del brazo en el que llevaba el cubo para apartarme de la fila y como, por muy soldado que fuera, yo no iba a consentir que me pusiera las manos encima, mientras intentaba zafarme de él y defenderme, es posible que levantará mi mano libre para intentar pegarle. La verdad es que no lo recuerdo. Lo que sí recuerdo es que él sí me dio dos o tres bofetadas que me dolieron más que cualquier otra vejación que haya podido sufrir después. Mi hermana, a la que yo todavía no había visto y que debió llegar casualmente en aquellos instantes, lo agarró por el cuello de la seriana y lo apartó de mí dejando espacio suficiente entre ambos para que yo, sin pensar, cogiera impulso con mi brazo vigoroso y ya libre y le asestara un enérgico golpe en la cabeza con el cubo de zinc. Quedó un poco aturdido y mucho más enfadado.

Lo que ocurrió a partir de ahí fue tan desproporcio-

nado como consecuente con unos tiempos en los que la humillación de los más desafortunados era la única forma de agachar la cerviz de la gente humilde de los pueblos. Gente a la que se castigó con la miseria como si la derrota generalizada a la que el hambre sometió a ambos bandos no fuera ya suficiente castigo.

Llegó la Guardia Civil. Nos llevaron al cuartelillo a mi hermana Felisa, a mi amiga Emilia y a mí. Me encerraron en un cuartucho maloliente y sucio, y si no me pegaron más fue porque llegó Sebastián, el teniente, un primo hermano de mi padre, una buena persona que ladraba más que mordía porque era la única manera de permanecer en el cuerpo y poder alimentar a sus siete hijos. Todos en el pueblo lo apreciaban y lo respetaban. Ante sus superiores siempre mostró una actitud impostada de persona autoritaria e implacable que le hizo ganarse su fama de hombre duro contra los opositores y que le valió convertirse en una persona de confianza del régimen. Muchos agradecieron en aquellos largos años que estuviera él en el puesto y no algún otro.

Me gritó para demostrar su autoridad y cuando se percató de mi estado y de cómo me temblaban las piernas se acercó a mí con violencia fingida para empujarme sobre una silla y dejarme sentada; agarró mi rostro con una ternura que nadie pudo percibir y me dijo al oído:

—Chiquilla, ¿cómo has estado? A ver qué podemos hacer.

Y echando a todos del cuarto con la excusa de que «de esta me encargo yo», se sacó un pañuelo del bolsillo y me limpió la sangre de la nariz.

Entonces me derrumbé y no pude contener el llanto durante horas. Anestesiado el dolor por las lágrimas, debí quedarme dormida sobre la jarapa en la que me dejó tendida, tapada con un saco rafia. Cuando abrí los ojos, me vi allí encerrada y sentí la inflamación en mi cara, lo único que pensé, ilusa de mí, era en lo fea que estaría para la romería del Saliente. Por fin después de muchos años bajaban del Santuario a la Virgen y todas las muchachas llevábamos días emocionadas con el evento. Qué inocente, qué ingenua no imaginar la romería que me esperaba.

Sebastián no pudo hacer gran cosa. Era un mando intermedio y lo único que estaba en sus manos era dar él mismo buenas referencias y, con discreción, pedir a algunas personas de su confianza e influyentes en el pueblo que también lo hicieran. Eran momentos difíciles y las fuerzas del orden adeptas al régimen eran partidarias de castigos ejemplares.

Después de dos días en el calabozo, la tarde del día 7, mientras mis amigas se lavaban y se ponían las alpargatas para subir al Santuario del Saliente, yo me

sentaba hecha unos zorros frente a las autoridades que redactaban el atestado que iniciaría mi procesamiento y junto al dichoso cubo de zinc que en mala hora me llevé en lugar de dejarlo en la casa de doña Dolores como hacía casi siempre. Lo pusieron sobre una silla baja de anea pringosa y sin pintar, sentado a mi lado, no sé si como prueba del delito o como testigo. A mí no me permitieron hablar. Al cubo, tampoco, porque, ¡si hubiera podido hacerlo...! A Gaspar, que así se llamaba el soldado que me agredió, y a su compañero Francisco, tampoco les dejaron decir gran cosa. Relataron brevemente los hechos y el secretario, que parecía saber de antemano y de memoria lo que tenía que redactar, hizo el resto. Escribió que yo había agredido al soldado —eso es cierto— y que resultó herido —eso no lo es—. Fue solo un pequeño chichón que el día del atestado ya había desaparecido. Pero supongo que de alguna manera tenían que razonar por qué elevaban mi caso a instancias superiores y justificar una condena.

Me acusaron de Insulto a Fuerza Armada y de agresión al soldado Gaspar Ruano Castán.

Lo que ocurrió después de esa tarde fue un viacrucis. Sin adjetivos. Habrás visto muchas películas y sé, porque conozco tu afición a la lectura, que has leído novelas sobre guerras y miserias humanas, pero es difícil que un escritor o un director de cine reflejen los extremos del sufrimiento humano. Aunque lo hayan

vivido, y por crudas que puedan ser sus palabras o sus imágenes con una intención o con otra, hay un límite íntimo en el dolor que nadie se atreverá nunca a exhibir.

Yo tampoco voy a hacerlo.

Te contaré que en noviembre me llevaron a la Cárcel del Ingenio en Almería. Allí estaba yo dos años después cuando salió la sentencia: seis años y un día de prisión mayor. Fue en marzo, bien me acordaré. El 24. El día que mi hermano Luis cumplió 15 años. Llevaba año y medio sin verlo. Nunca volvería a mirarme en sus ojos de niño. Al hombre que me abrazó cinco años después, cuando me dejaron salir, no lo conocía. Y allí me tuvieron hasta que se ratificó la sentencia, el 30 de junio. El 1 de julio de 1941, me subieron a un tren y me enviaron a Granada, esposada como una criminal, junto con otras compañeras de penalidades.

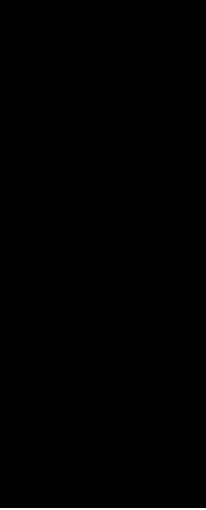
Cuando llegamos a la prisión nos dejaron en un patio, al sol. No había sitio en el interior de tantas mujeres como ya tenían presas. Tampoco había agua, ni comida, ni sombra... Allí conocí a María Gádor, una maestra represaliada por darle la vuelta al retrato de Franco el primer día de escuela. Un niño, inocentemente, se lo dijo a sus padres al volver a casa. De ella aprendí muchas cosas buenas, entre otras, a leer y a escribir. Y a sobrevivir dibujando con todo detalle en mi cabeza todos los paisajes hermosos de mi vida anterior. También descubrí en aquel lugar inmundo mucho de las

maldades humanas. Cosas que nunca hubiera imaginado posibles.

Mi madre y tu abuelo —aunque ni siquiera éramos novios entonces— fueron el aliento fresco que, desde fuera, transformaban el aire y hacían respirable el ambiente turbio de aquel agujero.

Supe que Gaspar pasó años intentado localizarme para pedirme perdón por ser la llave que abrió la puerta de mi desdichado destino. Aquella tarde de septiembre también él, preso del pecado de la juventud y empoderado por un uniforme vencedor, actuó sin comprender. En cuanto pudo, abandonó el ejército y regresó a Zaragoza para trabajar en la herrería de su padre, que era para lo que había nacido.

Hace muchos años que lo perdoné.



ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

MARIA CATALINA

Agora que os relógios medem o tempo de outra maneira para mim, me sentei de costas para a vida. Através desta pequena janela, que escolhi para contemplar meu passado, quero fazer as pazes com alguns episódios desse tempo remoto o qual fui revestindo de mentiras poéticas cada vez que tentaram reivindicar seu lugar na memória.

Hoje, que sua curiosidade torna a abrir algumas portas que tantas vezes decidi deixar fechadas para sempre, você vai me acompanhar a um lugar no qual gostava de rir e sonhar porque só conheceu algumas anedotas disfarçadas de carnaval. Você sempre apre-

ciava minhas histórias e quero que continue fazendo isso, mas você é uma mulher adulta, sagaz, curiosa, lutadora e tão rebelde como eu era na sua idade. Também é uma pessoa culta, muito mais do que eu pudesse ser, merece saber a verdade. Por isso, creio já ser o momento de rasgar os véus e lhe mostrar como foram as coisas quando meu mundo, como você imaginou em uma ocasião na inocência de sua infância, era branco e negro. Deixei você acreditar nisso porque não faltava razão. No entanto, o certo é que chegou a ser um cinza sórdido e sujo, ferindo tanto a retina que, por puro instinto de sobrevivência e para evitar a cegueira diante de outras cores que quisemos recuperar, todos concordamos, durante anos, em revesti-lo de esquecimento.

Hoje, fazendo do silêncio meu refúgio para tecer minhas recordações, desta vez nuas, sem disfarces nem artifícios; hoje, que sei que meus passos logo serão apagados da areia por esse mar que ineludivelmente me fará sua; hoje, que você se senta ao meu lado toda ouvidos, quero tecer um tapete para somente você olhar. Depois, o deixará guardado no fundo de um baú com outros restos naufragos de minha vida. Aquele baú velho, que sobreviveu a tantas mudanças e que, encurralado no depósito da minha casa, guarda em forma de objetos inúteis, alguns capítulos da minha vida. Aqueles que por acaso, como inundações, ficaram presos às margens do tempo e da memória. Nesse baú, deixo-lhe algumas antiguidades inúteis valiosas para que, com

sua imaginação e o eco de minhas histórias, preencha as lacunas daquela que não contam os livros, as lacunas habitadas pelas pessoas insignificantes das quais ninguém se lembra. Talvez deem a chance, quando você também for avó, de inventar, como eu, alguma história nas quais suas netas nunca saberão o que era verdade e o que trouxeram os ventos da fantasia.

Desta janela pequena, posso regressar às minhas antigas paisagens e recordá-las com a mesma precisão que o pintor lembra cada detalhe, cada pincelada de sua obra. Aprendi a fazê-lo em um momento escuro do qual só quis guardar as poucas lições que me ensinaram a ser feliz. Sentada em uma cômoda poltrona da vovó, que vocês me deram de presente pelo meu aniversário de noventa anos, só vejo um quadrinho de céu azul. Tão vazio e tão limpo como costumam estar sempre os céus de Almería. Sobre ele escrevo meus pensamentos. Às vezes, imagino que as palavras que brotam de minha cabeça vão se desenhando no ar e ficam aí para que ninguém esqueça o que nunca devia acontecer e não deve voltar a se repetir. Se por acaso o vento as arrastar para longe, contarei a você a versão adulta de nossas divertidas historietas de infância nas quais já não mais poderei distinguir o que eu disse e o que acrescentou sua fantasia.

Encontrará então a resposta para suas recorrentes perguntas sobre porque saio da sala em determinados

momentos das notícias ou porque detesto os filmes violentos.

Você riu muito dessa história ao longo de sua vida, por isso é a primeira que vou reconstruí-la, expondo toda a realidade crua que acompanhou à comicidade do único instante conhecido deste episódio. Eu o tornei divertido em seu momento, como tantos outros, para que não crescesse em você nem o rancor, nem o ódio e nunca sentisse raiva de nenhum de seus protagonistas. Ao fim e ao cabo, que marionete é culpada da inaptidão do marionetista?

O balde de zinco

Tinha dezoito anos recém-completados e, apesar das dificuldades de três anos de sem sentido nos quais a fome, os piolhos e o medo nos tornaram a vida quase impossível, eu não tinha perdido a alegria natural de meu caráter, nem a vontade de rir, ao menos em alguns momentos em que as tristezas nos davam uma trégua. Aquela terça-feira de setembro de 1939, quase na véspera do dia da Virgem, me levantei muito cedo para ir à Fuente del Marqués lavar roupas, chegar a tempo de um passeio tardio pelo mercado e, se não comprasse, porque não havia dinheiro e nem muita mercadoria nas bancas, ao menos tentaria, com minha simpatia e minha graça, agora bem mais presentes — que quaisquer camponês me presenteasse com algum resto de fruta ou verdura não vendido. A

comida, naqueles tempos, não apodrecia nos armários nem se jogava no lixo; as refeições eram improvisadas a cada manhã com o que, em forma de sagacidade, a sorte enviava como maná. Juan el del Llano me deu três nabos e um pimentão em troca de um sorriso e de alguma piada — como dizíamos antes — e então, recolhi do solo um par de tomates secos caídos junto à alforge e que ninguém tinha percebido antes de mim. Que vista boa aquela de então! Fui para casa contente diante da perspectiva do abraço agradecido de minha mãe e de uma fritada de nabos.

Depois de comer, voltei à fonte para recolher a roupa que tinha deixado estendida em uns arbustos, levei-a à casa da mocinha e a deixei passadinha e muito limpa. Tampouco me pagou nesse dia. Como sempre, me disse que ficaria por conta do aluguel que meu pai lhe devia, e tornou a soltar a mesma ladainha de que três anos são três anos, de como alguns são mal-agraçados, sobre o cachorro que morde a mão do dono, de que seria menos ruim se cada um estivesse de novo em seu lugar, além do que nós tínhamos sorte deles serem pessoas boas e cristãs, temerosas de Deus, se não...

Fui contente para casa, apesar de tudo, porque me sentia útil ajudando a pagar aquelas supostas dívidas de minha família e porque na juventude era lei tentar ser feliz e se iludir com o que faríamos nos próximos minutos. Caminhei despreocupada balançando o balde

vazio de roupa e dando saltinhos com a ponta dos pés, como quando era menina. Desci pela rua Cervantes, atravessei a praça da igreja e, ao ver a fila de pessoas na porta da loja de Don Pantaleón, na rua Silvela, me aproximei tão somente para conversar com alguém. Não tinha dinheiro nem cupons. Refiro-me a esses cupons de racionamento que se tinha que comprar na prefeitura para poder adquirir os quatro produtos básicos, com os quais se supunha sobrevivência. Tampouco era aquele o estabelecimento designado a nossa família para as porções de alimento. Assim, meu interesse naquela fila era somente social. Minha amiga Emília estava ali e queria cumprimentá-la. Não demorei muito em perceber que os ânimos estavam um pouco alterados. Parecia que acabavam de chegar os suprimentos e já não havia mais batatas nem azeite. Então, não o sabia. Agora entendo que a maioria das vezes os alimentos básicos eram desviados para o lucro dos que não sofriam escassezes, para o mercado negro, para o contrabando. Havia gente esperando fazia muitas horas e teriam de voltar para casa sem o sustento mínimo para sua família.

Para manter a ordem, havia junto à fila dois soldados jovens, da minha idade, um pouco mais ou um pouco menos, mal-encarados e, visto com a perspectiva dos anos, provavelmente tão famintos e aco-ardados como o resto das pessoas ali reunidas. Ao me aproximar da fila, um deles, o que parecia ter uma

patente superior, dirigiu-se a mim com maus modos para que entrasse na fila ou fosse embora.

— Me deixa em paz, bonito — disse-lhe com sarcasmo e, olhando sua carinha pálida e imberbe e seu bigodinho escasso, acrescentei:

— E corte esse bigode que parece uma fila de formigas assustadas e nem fede nem cheira.¹⁴

Não sei porque disse aquilo, nem porque fiz o que fiz. Talvez fosse somente a inconsciência e a impulsividade da juventude.

Me agarrou com violência pelo braço, em que levava o balde, para me separar da fila e, por mais soldado que fosse, eu não ia permitir que pusesse as mãos sobre mim; enquanto tentava escapar dele e me defender, é possível que tivesse levantado minha mão livre para tentar lhe bater. A verdade é que não me lembro. O que me recordo, com certeza, é que ele, sim, me deu duas ou três bofetadas cuja dor foi mais que qualquer outra humilhação já sofrida depois. Minha irmã, a quem ainda não tinha visto e que devia ter chegado casualmente

14 «Ni chicha ni limonada» – literalmente: “Nem chicha [bebida alcoólica] nem limonada”; expressão que se refere a algo que não é uma coisa nem outra e, em resumo, alguma coisa sem valor. <https://www.significados.com/ni-chicha-ni-limonada/>. Acesso: 15 abr. 2022. Aqui, na tradução dessa fala da personagem, houve a perda da linguagem oralizada andaluza: “asustás”, “limoná”, uma vez que não foi possível encontrar um termo equivalente em língua portuguesa.

naqueles instantes, o agarrou pelo pescoço e o afastou de mim deixando espaço suficiente entre ambos para que eu, sem pensar, ganhasse impulso com meu braço vigoroso e já livre, lhe deferisse um golpe enérgico na cabeça com o balde de zinco. Ficou um pouco aturdido e muito mais zangado.

O que aconteceu, a partir daí, foi tão desproporcional quanto condizente com os tempos em que a humilhação dos mais desafortunados era a única forma de baixar a crista de gente humilde das cidades pequenas. Essa mesma gente a quem se castigou com a miséria, como se a derrota generalizada a que a fome submeteu a ambos os lados, não fosse já castigo suficiente.

Chegou a Guarda Civil. Levaram ao quartel a minha irmã Felisa, minha amiga Emilia e eu. Me fecharam em um quartinho malcheiroso e sujo, e se não me bateram mais foi porque chegou Sebastián, o tenente, um primo irmão de meu pai, uma pessoa boa que ladrava mais que mordida porque era a única maneira de permanecer na corporação e poder alimentar seus sete filhos. Todos no povoado o apreciavam e o respeitavam. Diante de seus superiores, sempre mostrou uma atitude impostada de pessoa autoritária e implacável que o fez ganhar sua fama de homem duro contra os opositores e que lhe permitiu transformar-se em uma pessoa de confiança do regime. Muitos agradeceram naqueles longos anos em que ele estive no posto e não outra pessoa.

Gritou comigo, para demonstrar sua autoridade e, quando notou meu estado e como tremiam minhas pernas, aproximou-se de mim com violência fingida para me empurrar sobre uma cadeira e me deixar sentada; agarrou meu rosto com uma ternura que ninguém pôde perceber e me disse ao ouvido:

— Garotinha, como tem estado? Vamos ver o que podemos fazer.

E expulsando todos do aposento com a desculpa de que “desta eu me encarrego”, tirou um lenço do bolso e limpou o sangue do meu nariz.

Então caí e, durante horas, não pude conter o choro. Anestesiada a dor pelas lágrimas, devia ter ficado adormecida sobre a manta na qual me deixou estendida, coberta com um saco de ráfia¹⁵. Quando abri os olhos, me vi ali, fechada, e senti o inchaço no meu rosto; a única coisa que pensei, delirante, era no quão feia esta-

¹⁵ Saco produzido a partir da fibra de palmeira, também existente no Brasil.

ria para a romaria do Saliente¹⁶. Finalmente, depois de muitos anos, baixaram a Virgem do Santuário e todas nós, as moças, ficamos emocionadas, por dias, com o evento. Que inocente, que ingênua não imaginar a romaria que me esperava.

Sebastián não pôde fazer grande coisa. Era um mandante intermediário e a única coisa que estava em suas mãos era dar, ele mesmo, boas referências e, com discrição, pedir a algumas pessoas de sua confiança e influentes no povoado, que também o fizeram. Eram momentos difíceis e as forças da ordem adeptas ao regime eram partidárias de castigos exemplares.

Depois de dois dias no calabouço, à tarde do dia 7, enquanto minhas amigas se lavavam e calçavam as alpargatas para subir ao Santuário do Saliente, eu me sentava, toda quebrada, frente às autoridades as quais redigiam o atestado que iniciaria meu processo e, junto ao famigerado balde de zinco, que em má hora levei ao invés de deixá-lo na casa de dona

16 A peregrinação é celebrada no dia 8 de setembro no município de Albox (Almería), especificamente no Santuário da Virgen del Saliente, localizado no Cerro El Roel. Na madrugada de 8 de setembro, festa da Natividade da Virgem, realiza-se uma peregrinação ao Santuário, que comemora uma aparição mariana ocorrida em finais do século XVII, onde celebram-se missas de peregrinos quase ininterruptamente até ao meio-dia. Ao longo do dia há visitas ao santuário, passeios entre as bancas, doações e encomendas de missas. <https://www.juntadeandalucia.es/cultura/agendaculturaldeandalucia/evento/romeria-de-la-virgen-del-saliente-0> Acesso: 10 abril. 2023.

Dolores como fazia quase sempre. Puseram-no sobre uma cadeira baixa de tábua pegajosa e sem pintar, sentado ao meu lado, não sei se como prova do delito ou como testemunha. Não me permitiram falar. Ao balde, também não, porque, se pudesse...! A Gaspar, assim se chamava o soldado que me agrediu, e seu companheiro Francisco, tampouco lhes deixaram dizer grande coisa. Relataram brevemente os fatos e o secretário, que parecia saber de antemão e de memória o que tinha que redigir, fez o resto. Escreveu que eu tinha agredido o soldado, isso estava certo, e que ele ficara ferido, já isso não estava. Foi só um pequeno golpe que já tinha desaparecido no dia do testemunho. Mas suponho que, de alguma forma, tinham que justificar o porquê de elevarem meu caso a instâncias superiores, bem como minha condenação.

Acusaram-me de insultar as Forças Armadas e de agressão ao soldado Gaspar Ruano Castán.

O que aconteceu depois dessa tarde foi uma via-crúcis. Sem adjetivos. Certamente terá visto muitos filmes e sei disso, porque conheço seu gosto pela leitura, leu romances de guerra e misérias humanas, mas é difícil um escritor ou um diretor de cinema espelharem os extremos do sofrimento humano. Embora o tenham vivido, e por mais cruas que possam ser suas palavras ou suas imagens, com uma intenção ou com outra,

há um limite na dor que ninguém se atreveria nunca a exhibir.

Eu também não vou fazê-lo.

Contarei a você que em novembro me levaram à Prisão do Ingenio, em Almería. Ali estava eu, dois anos depois, quando saiu a sentença máxima: seis anos e um dia de prisão. Foi em março. Bem me lembrarei. O 24. O dia em que meu irmão Luís completou 15 anos. Já fazia um ano e meio que não o via. Nunca voltaria a me ver em seus olhos de menino. O homem que me abraçou cinco anos depois, quando me deixaram sair, não o conhecia. E ali me detiveram até que se confirmou a sentença, em 30 de junho. Em 1 de julho de 1941, me puseram em um trem e me enviaram à Granada, algemada como uma criminosa, junto com outras companheiras de penalidades.

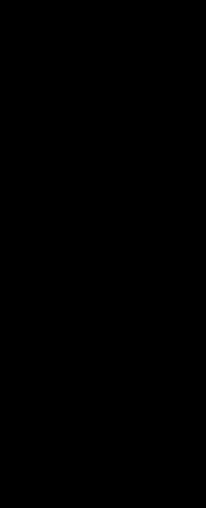
Quando chegamos à prisão, nos deixaram em um pátio, no sol. Não havia espaço para tantas mulheres porque já existiam outras presas. Tampouco havia água, nem comida, nem sombra... Ali conheci Maria Gádor, uma professora castigada por ter se desviado do retrato de Franco no primeiro dia de aula. Um menino, inocentemente, contou a seus pais ao voltar para casa. Com ela aprendi muitas coisas boas, entre outras, a ler e a escrever. E a sobreviver desenhando, com todo detalhe, em minha cabeça, todas as paisagens boni-

tas de minha vida anterior. Também descobri naquele lugar imundo muito das maldades humanas. Coisas que nunca tivera imaginado possíveis.

Minha mãe e seu avô — embora nem sequer fôssemos namorados até então — foram o alento fresco que, do lado de fora, transformavam o ar e tornavam respirável o ambiente sombrio daquele buraco.

Soube que Gaspar passou anos tentando me localizar para me pedir perdão por ser a chave que abriu a porta do meu destino infeliz. Naquela tarde de setembro, ele também, vítima do pecado da juventude e empoderado por um uniforme vencedor, agiu sem compreender. Assim que pôde, abandonou o exército e regressou a Saragoça para trabalhar na ferraria de seu pai, que era para o que tinha nascido.

Faz muitos anos que lhe perdoei.



ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

ABISMO

Caminaba con la levedad de las cosas que han dejado de pensar y solo son: una raíz aérea, el olor a tierra roja, el estruendo intangible entretejido y tropical; un silencio orgánico que le permitía escuchar sus propios pasos sobre las lamas de la pasarela. Primero, el crujido seco de la madera; el chapaleo creciente de los pies sobre el suelo encharcado, después, conforme aquel camino flotante se adentraba en las cascadas. Sobre él, el azul; un cielo intensamente azul, sin matices, impoluto, expectante.

Todo lo demás era río. Anchura inabarcable. Cobre, oro, ocre; fuego fluido de orilla a orilla; murmullo

manso en la luz del atardecer. Río ajeno aún a la falla próxima y diabólica. Destino inexorable que quebraría en unos instantes su nombre y su esencia calma para convertirse en un prodigio estrepitoso de aguas que se rompen y estallan en luz líquida, en minúsculos cristales espejeantes de espuma blanca. Sin dejarse arrastrar por el furor, fragmentos de arco iris caídos del azul jugueteaban entre las cortinas que se precipitan en tropel hacia el vacío.

De pronto el abismo se hizo visible bajo sus pies. Se le figuró que la pasarela era el brazo de un dios gigante que abría la palma de su mano como un pequeño balcón más allá del límite rocoso, atrevida, desafiante. Suspendida sobre una nube de partículas ingravidas de río, le permitía entrever, a través de los espacios entre sus dedos-láminas, el espumerío del agua al estrellarse contra el lecho descarnado.

Siempre había sufrido vértigo. Un vértigo onírico que le hacía cruzar a gatas los puentes que soñaba de niño y que no le impedía, sin embargo, a la luz del día, desafiar los riscos desnudos de la Sierra. Un vértigo fisiológico que le sobrevino con la edad y que le incapacitaba para disfrutar de las mejores panorámicas desde los hitos más elevados. Y el que más le azoraba, el vértigo del paso de los días, de los años, del Tiempo. Cada vez que lo miraba de frente se percibía a sí mismo perdiendo el equilibrio incapaz siquiera de seguir con

la mirada su avance desbocado —infinitamente instantáneo— como si el relámpago de una tormenta, por algún extraño maleficio, lo hubiera aprisionado en una existencia perpetuamente efímera.

Sin embargo, en aquel momento, asomado a la vastedad de las aguas desde aquel mirador diminuto, una calma inmensa aquietaba su cuerpo y su espíritu. Era un ser etéreo sobre el tiempo y el espacio. Era un ser precioso, en perfecto equilibrio, sustentado con ternura por una deidad que lo acercaba a la orilla para mostrarle la sinfonía colosal de las cascadas. En sus oídos, el estruendo torrencial alcanzó la perfección del silencio. La humedad y la luz tibia de la tarde tropical se infiltraron en sus poros convirtiendo su piel en una sustancia fluida y azul. Respirar en un solo tiempo constante; un corazón sobrecogido palpitando en los ritmos del agua. Leve brisa continua como continuo es el devenir del río.

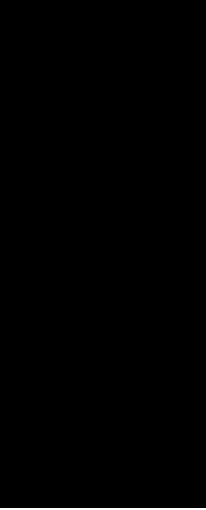
Convertido en soplo del mismísimo aire, aprovechó el bucle de una brisa, y con un movimiento armónico como la danza de una hoja que abandona su rama de árbol, inclinó su cintura sobre el tronco que remataba la barandilla y desasíó su cuerpo de la mano de aquel dios gigante que le mostraba la bravura de lo infinito. Había reconocido bajo sus pies el impulso preciso, una delicada inclinación y el tacto de un abrazo que se desprende.

Con los pájaros, que admiraron la levedad en el aire de aquel ser no alado, compartió un vuelo ingrávido. Fue ave entre las aves.

Con la cascada, compartió un grito de libertad, el arretrato de la vida, la locura...

Cerró los ojos. Se sintió luz, aire, agua, fuego. Su alma, maravillada, volaba libre por primera vez. Desconcertado el cuerpo por aquel frenético acelerar, fue desprendiéndose de todas sus vidas. Cada instante de su existencia se convertía en gotas de agua que se fundían con los torrentes. Era el Todo y la Nada; era el Principio y el Fin. Único dueño en ese momento y para siempre de sí mismo y del secreto absoluto del Universo, abrió los ojos para contemplar la luz por última vez. El lecho del abismo estaba allí, tangible ya. El relámpago impertérrito se extinguió. Nada. Ingravidez, oscuridad. Una sima opaca e incierta abraza ahora su ser...

Llanto. Oír el propio llanto de nuevo por primera vez. Desconcierto. Un susurro, un canto. Un aliento. Un aliento tibio de mujer. Claridad translúcida, azul-verde-miel. Unos ojos que lo miran con ternura: frágil, diminuto, ansiado, amado. Mecido por los brazos del viento. Unos brazos que acunan. Brazos de luna.



ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

ABISMO

Caminhava com a leveza das coisas que deixaram de pensar e somente são: uma raiz aérea, o cheiro de terra vermelha, o estrondo intangível entretecido na paisagem, o murmúrio do bosque tropical; um silêncio orgânico que lhe permitia ouvir seus próprios passos sobre as tábuas da passarela. Primeiro, o ranger seco da madeira; o ruído crescente dos pés sobre o solo encharcado, depois, conforme aquele caminho flutuante se adentrava nas cachoeiras. Sobre ele, o azul; um céu intensamente azul, sem matizes, impoluto, expectante.

Tudo o mais era rio. Largura insondável. Cobre, ouro, ocre; fogo fluido de costa a costa; murmúrio manso na

luz do entardecer. Rio alheio ainda à próxima e diabólica falha. Destino inexorável que quebraria em uns instantes seu nome e sua essência calma para se transformar em um prodígio estrepitoso de águas que se rompem e estalam em luz líquida, em minúsculos cristais espelhados de espuma branca. Sem se deixar arrastar pelo furor, fragmentos do arco-íris caídos do azul do céu brincavam entre as cortinas que se precipitavam em tropel ao vazio.

De repente, o abismo se fez visível sob seus pés. Pareceu-lhe que a passarela era o braço de um deus gigante que abria a palma de sua mão como uma pequena sacada para além do limite rochoso, atrevida, desafiante. Suspensa sobre uma nuvem leve de partículas de rio, lhe permitia entrever, através dos espaços entre seus dedos-lâminas, a espuma abundante da água ao se estalar contra o leito sem vegetação.

Sempre tinha tido vertigem. Uma vertigem onírica que lhe fazia atravessar de quatro as pontes com as quais sonhava quando era menino e que não lhe impedia, entretanto, à luz do dia, de desafiar os riscos nus da Serra. Uma vertigem fisiológica que lhe sobreveio com a idade e que lhe incapacitava de aproveitar as melhores vistas panorâmicas dos marcos mais altos. E o que mais lhe surpreendia, a vertigem da passagem dos dias, dos anos, do Tempo. Cada vez que o olhava de frente se percebia a si mesmo perdendo o equilí-

brio incapaz sequer de seguir com o olhar seu avanço deformado — infinitamente instantâneo — como se o relâmpago de uma tempestade, por algum estranho malefício, o tivesse aprisionado em uma existência perpetuamente efêmera.

Contudo, naquele momento, olhando para a vastidão das águas daquele minúsculo mirante, uma calma imensa aquietava seu corpo e seu espírito. Era um ser etéreo sobre o tempo e o espaço. Era um ser precioso, em perfeito equilíbrio, sustentado com ternura por uma divindade que o aproximava à costa para lhe mostrar a sinfonia colossal das cachoeiras. Em seus ouvidos, o estrondo torrencial alcançou a perfeição do silêncio. A umidade e a luz morna da tarde tropical se infiltraram em seus poros transformando sua pele em uma substância fluida e azul. Respirar em um único tempo constante; um coração oprimido palpitando nos ritmos da água. Brisa leve contínua como contínuo é o futuro do rio.

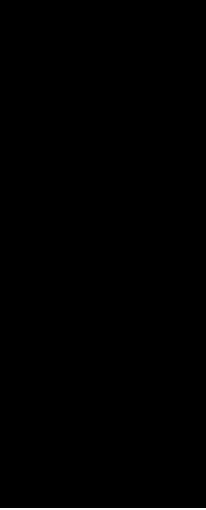
Transformado em sopro do mesmíssimo ar, aproveitou a espiral de uma brisa, e com um movimento harmônico como a dança de uma folha que abandona seu galho da árvore, inclinou sua cintura sobre o tronco que cobria a balaustrada e separou seu corpo da mão daquele deus-gigante que lhe mostrava a bravura do infinito. Tinha reconhecido sob seus pés o impulso preciso, uma inclinação delicada e o toque de um abraço que se liberta.

Com os pássaros, que admiraram a leveza no ar daquele ser não alado, compartilhou um voo sem peso. Foi ave entre as aves.

Com a cachoeira, compartilhou um grito de liberdade, o arrebatamento da vida, a loucura...

Fechou os olhos. Se sentiu luz, ar, água, fogo. Sua alma, maravilhada, voava livre pela primeira vez. O corpo desconcertado por aquela frenética aceleração, foi se desprendendo de todas as suas vidas. Cada instante de sua existência se transformava em gotas de água que se fundiam com as torrentes. Era o Tudo e o Nada, era o Princípio e o Fim. Único dono nesse momento e para sempre de si mesmo e do segredo absoluto do Universo, abriu os olhos para contemplar a luz pela última vez. O leito do abismo estava ali, tangível já. O relâmpago destemido se extinguiu. Nada. Leveza, escuridão. Um abismo opaco e incerto abraça seu ser agora...

Choro. Ouvir o próprio choro de novo pela primeira vez. Desconcerto. Um sussurro, um canto. Um alento. Um alento morno de mulher. Claridade translúcida, azul-verde-mel. Uns olhos que o olham com ternura: frágil, minúsculo, desejado, amado. Embalado pelos braços do vento. Uns braços que ninam. Braços de lua.



ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

NADINE

Nunca llegarás a saber quién te quebró el aliento y dejó tus sueños desparramados sobre las arenas rojas del desierto. Tu caminar discreto bajo la chilaba oscura no pudo evitar la mirada lasciva que como una sombra de la nada escapó de tus sentidos. Tampoco viste llegar la crueldad, el arrebató de aquellas manos turbias que de pronto quemaron tu piel: te robaron dos veces la vida. Te despojaron primero de tu inocencia sin tiempo para el pudor; devastaron luego tu cuerpo, inerte mucho antes de morir.

Debieron ser tus ojos. Habías salido a pasear confiada en la seguridad de tu aldea, lejos de los peligros de la ciudad que acogió tus anhelos al otro lado del estrecho y a la que tu hermano, celosamente, siempre te acompañó. Probablemente añorarás, al reencontrarte con los

paisajes de tu infancia, a la niña que supo escapar; que galopó sobre el terreno abrupto de la tradición opresiva, sobre los miedos atávicos anclados en las piedras; la niña que se despojó valiente del abrazo protector de su madre y que quiso vivir por ella una vida que nunca hubiera podido ser suya. Tampoco pudo ser suya.

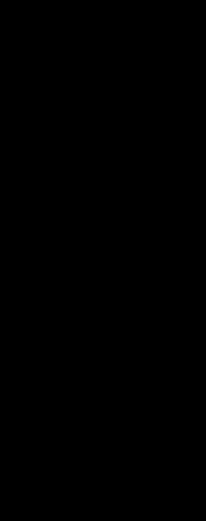
Tuvo que ser la muerte quien nos presentara. Llegó tu nombre a mi casa cuando eras ya protagonista de un dolor y de una tristeza, de la desgracia doble de tu ausencia: saber todo de tu demasiado tarde y no haber llegado a conocerte.

Te marchaste dejando abiertas las ventanas de tu cuarto para que el aire invernal de la Alhambra lo curara de las horas cálidas de estudio, horas regladas a los días y arañadas, con la cadencia de la constancia, a las noches; horas que se poblaban de la ilusión de llegar a ser: querer crecer aprendiendo, investigando, soñando... Crear.

Sobre la mesa, tus libros, los papeles a los que no regresarás; fragmentos corregidos de tu tesis, en orden; y en desorden, palabras surgidas del alma de la poeta que ya nadie podrá leer.

La noticia de tu muerte ha llegado hasta aquí como llegan las aves migratorias, cruzando el mar por los hilos del aire para convertirse en un número más, en una estadística.

Pero hoy al menos serás tu nombre, Nadine.



ISABEL M.^a MARTOS ROZAS

NADINE

Você nunca saberá quem interrompeu sua respiração e deixou seus sonhos espalhados nas areias vermelhas do deserto. Sua caminhada discreta sob a túnica escura não pôde evitar o olhar lascivo que, como uma sombra do nada, escapava aos seus sentidos. Você também não viu chegar à crueldade, a explosão daquelas mãos sombrias que de repente queimaram sua pele: roubaram sua vida duas vezes. Despojaram primeiro sua inocência sem tempo para o pudor; então devastaram seu corpo, inerte desde muito antes de morrer.

Deveriam ser seus olhos. Você tinha saído para passear, confiante na segurança da sua aldeia, longe dos perigos da cidade que acolheu seus desejos do outro lado do estreito e à qual seu irmão, cuidadosamente, sempre lhe acompanhou. Provavelmente você sentisse

falta, ao se reencontrar com as paisagens de sua infância, da menina que soube escapar; que galopava sobre o terreno acidentado da tradição opressiva, sobre os medos atávicos ancorados nas pedras; a menina que corajosamente se libertou do abraço protetor de sua mãe e que quis viver uma vida que nunca poderia ter sido dela. Também não pôde ser sua.

Teve de ser a morte quem nos apresentasse. Seu nome veio à minha casa quando você já era protagonista de uma dor e de uma tristeza, da dupla desgraça de sua ausência: saber tudo sobre você tarde demais e não ter chegado a lhe conhecer.

Você saiu deixando as janelas do seu quarto abertas para que o ar invernal da Alhambra o curasse das horas mornas de estudo, horas regidas pelo dia e riscadas, com a cadência da constância, durante as noites; horas preenchidas com a vontade de vir a ser: querer crescer aprendendo, pesquisando, sonhando...Criar.

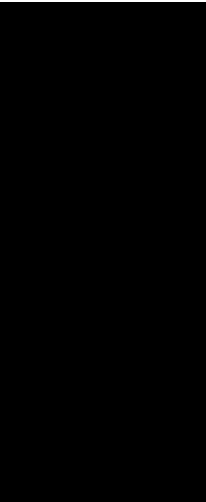
Sobre a mesa, seus livros, os papéis aos quais você não voltará; fragmentos corrigidos de sua tese, em ordem; e em desordem, palavras surgidas da alma da poeta que ninguém mais poderá ler.

A notícia de sua morte chegou até aqui como as aves migratórias, cruzando o mar pelos fios do ar para se tornar apenas mais um número, uma estatística.

Mas hoje pelo menos você será seu nome, Nadine.



Ponte localizada em um trecho da Carrera del Darro (ponto turístico de Granada).



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO

PRESENTACIÓN

Nací en Granada, un privilegio inmerecido, crecí bajo un cielo muy azul en Córdoba y Sevilla. Vivo en Granada actualmente y paso todas las temporadas que puedo en Almería. Andalucía con todos sus matices siempre ante mis ojos. Su gente, su música, su paisaje, pasado por el cedazo de multitud de culturas, razas, siglos... están llenos de armonía, supongo que eso marca.

No recuerdo cuándo aprendí a leer, debía de ser muy pequeña, quizás esta afición hizo que, en un momento especialmente duro de mi vida, me decidiera a escribir un poco más en serio. Necesitaba una vía de escape para no caer a un abismo, también entonces aprendí a tejer unos gorritos de lana multicolor que solo mi hija y la hija de una amiga muy querida quisieron ponerse.

De ambas actividades guardaba un recuerdo terri-

ble, y sin embargo lo que escribí me ayudó y los gorritos tienen mucho encanto, aunque mi tristeza esté tejida en ellos.

Lo sé ahora, porque este verano me entretuve en buscar lo que escribí y mi hija María me mostró, para sacarme de mi error, dos de los gorritos que guarda con cariño.

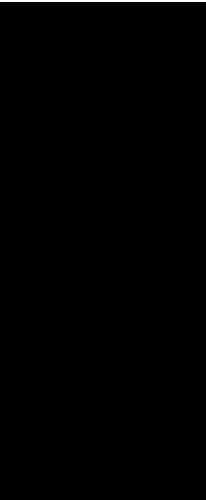
Habitualmente mi vida se desarrolla en los Juzgados, donde la vida ofrece su cara más cruda, y sin embargo es también campo para los milagros, casi como cualquier lugar si sabemos mirar.

El trabajo que dediqué a pulir esa otra posibilidad de ver el mundo hizo que pudiera escribir de otra manera, y que sea para mí un disfrute. Si, además, es posible que aporte algo a otra persona para mí entra en la categoría de la magia.

He publicado con otros autores en libros de relatos como *El pájaro azul*, *Amor con humor se paga*, *Dolor tan fiero*, *Latidos del tango*, *La paloma* o *Escribiré tu nombre*. En solitario publiqué un librito de poemas *El lenguaje de los pájaros*.

No sé si todo esto me convierte en escritora, en todo caso, esto sí lo puedo afirmar, me convierte en una persona esperanzada.

Un abrazo.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO

APRESENTAÇÃO

Nasci em Granada, um privilégio imerecido, cresci sob um céu muito azul em Córdoba e Sevilha. Atualmente, moro em Granada e passo todas as temporadas que posso em Almería. Andaluzia, com todas as suas nuances, sempre diante dos meus olhos. Sua gente, sua música, sua paisagem, passadas pelo crivo de uma multiplicidade de culturas, raças, séculos... estão cheias de harmonia, suponho que isso marque.

Não me lembro quando aprendi a ler, devia ser muito pequena, talvez essa paixão tenha feito com que, em um momento particularmente difícil da minha vida, me decidisse a escrever um pouco mais a sério. Precisava de uma rota de fuga para não cair em um abismo, então, também aprendi a tricotar gorros de lã multicoloridos que só a minha filha e a filha de uma amiga muito querida quiseram usar.

Guardei lembranças terríveis de ambas as ativi-

dades, e, no entanto, o que escrevi me ajudou e os pequenos gorros são muito charmosos, embora minha tristeza esteja tecida neles.

Já sei agora, porque neste verão me distraí procurando o que escrevi e minha filha Maria me mostrou, para me livrar de qualquer engano, dois dos gorros que ela guarda com carinho.

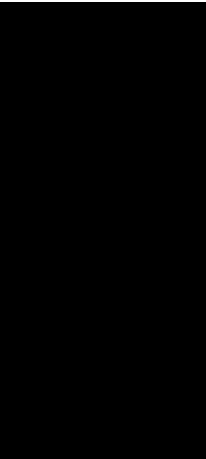
Normalmente minha vida se passa nos Tribunais, onde a vida oferece sua face mais crua, mas também é um campo para milagres, quase como qualquer lugar, se soubermos olhar.

O trabalho, em que me dediquei a lapidar essa outra possibilidade de ver o mundo, me permitiu escrever de uma forma diferente, e que seja para mim uma diversão. Se, além disso, é possível que contribua com algo para outra pessoa, para mim isso se enquadra na categoria da magia.

Já publiquei livros de contos com outros autores como *El pájaro azul*, *Amor con humor se paga*, *Dolor tan fiero*, *Latidos del tango*, *La paloma* ou *Escribiré tu nombre*. Sozinha publiquei um livrinho de poemas *El lenguaje de los pájaros*.

Não sei se tudo isso me transforma em uma escritora, em todo caso, isso sim posso afirmar, me torna uma pessoa esperançosa.

Um abraço.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO

GALLETAS

Cocina despacio, para tener ocupadas las manos, para engañar a su mente. El suave calor de la cocina, su luz cálida y los ingredientes alineados en el pollete de mármol la serenán.

Ahora que ha tenido que decorar la casa el dolor se ha vuelto más agresivo. Todo le parece un poco lejano, ajeno, las luces, los brillos, el ruido, la prisa que percibe en los gestos, las compras...no, la prisa por comprar, la sed de amontonar. Piensa que se ha perdido el cuidado y la ternura de hacer un regalo a mano, pensando durante días qué será lo apropiado para cada uno, o mejor aún, qué necesitaría cada uno para hacer su vida más bella...que trozo de ti mismo podría alegrar a otra persona, conocida o no.

Regalos imperfectos, diferentes, tiernos...

El desconsuelo se apodera de sus ojos, caen lágrimas en la harina, y sonríe, ahí va el puntito de sal...el olor de la canela, la hermosa y morena especia apacigua su alma. Ha encendido el horno hace un rato, y las galletas serán preciosas, está segura, meneea la cabeza porque no está tan segura del sabor, la última vez estaban arenosillas... ahora mezclar canela, harina, un poquito de levadura, jengibre picantón, voluntariamente, con mucho cuidado, con amor, da vueltas en el bol a la mezcla, que se ha vuelto mulata, quiere que sean especiales estas galletas, que sean como las de Alicia en el País de las Maravillas, quienes las coman se harán grandes...ahora que duda que el mundo sea como ella lo veía, y se ha vuelto brumoso e indefinido, hace falta ser grande para ver más allá.

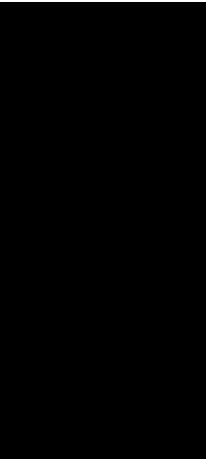
Desde que perdió a una de sus hijas, parte de su vida se ha secado, se muerde los labios, quizás era la parte que le aportaba magia y alegría, y ahora sólo le queda juntar los pedazos, que no van a encajar, porque faltan piezas...pero los junta con decisión, igual que bate los huevos, no se da ninguna pena, odia el drama, sólo pelea con la tristeza...es necesario hacer cosas pequeñas, esforzarse, sonreír, colgar los adornos, poner el Nacimiento...recorta formas de estrella, de árbol, de campanas...está en casa sola todavía, y la tentación de desaparecer es tan fuerte que se siente transparente... pero están las galletas...y hay que hornearlas. Empieza a sacar bandejas, las amontona en cajitas de lata y

las envuelve en papel de seda...ya ha terminado, su corazón está en calma.

Se quita el delantal, se pone el chándal, coge las llaves y el Ipod, ahora sí puede escapar, correr hasta perder el aliento, peregrinar por las sendas que se abrieron con su pérdida en su cabeza...acompaña los pasos a la música, nadie entiende qué hace esta corredora algo torpe una noche como ésta, corriendo arriba y abajo...Todos vestidos de nuevo, todos dispuestos a cantar...tampoco ella los entiende, podrían ser marcianos, definitivamente viven en planetas diferentes...los villancicos la esquivan, decide volver, sudorosa y altiva, derrotada por la oscuridad que las pequeñas luces no consiguen romper.

Llega hasta la cancela, pero la abren desde dentro cuando casi la alcanza...los ojos brillantes de su hijita más pequeña bailan... —«¡Mamá, has hecho galletas! ¡qué bien!, ¡qué bien!, ¿dónde estabas? ¿fuiste muy lejos?» —se inclina y la abraza fuerte, fuerte, el calor suave de la cocina ha vuelto a su corazón, las manitas dulces la devuelven a su sitio...

—Estaba aquí mismo mi nena, ya he vuelto —y la abraza de nuevo, y la huele, sin miedo, sin dolor, sin ira... la Nochebuena la ha alcanzado en su carrera.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO

BOLACHAS

Cozinha devagar, para ter as mãos ocupadas, para enganar sua mente. O calor suave da cozinha, sua luz cálida e os ingredientes alinhados na bancada de mármore acalmam-na.

Agora que precisou decorar a casa, o luto tornou-se mais agressivo. Tudo lhe parece um pouco distante, alheio, as luzes, os brilhos, o ruído, a pressa que se percebe nos gestos, as compras...não, a pressa por comprar, o desejo de acumular. Pensa que perdeu a capacidade e a ternura de fazer um presente a mão, pensando durante dias que será o apropriado para cada um, ou melhor ainda, que necessitaria de cada um para fazer sua vida mais bela... que pedaço de você mesma poderia alegrar a outra pessoa, conhecida ou não.

Presentes imperfeitos, diferentes, ternos...

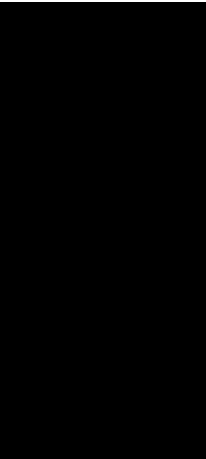
O desconsolo apodera-se de seus olhos, lágrimas caem na farinha, e sorri, aí vai a pitadinha de sal... o cheiro da canela, a especiaria bela e morena tranqüiliza sua alma. Acendeu o forno há pouco, e as bolachas serão deliciosas, está certa, balança a cabeça porque não está tão segura do sabor, a última vez estavam esfareladas... agora, misturar canela, farinha, um pouquinho de levedura, gengibre picante, voluntariosamente, com muito cuidado, com amor, mexe a mistura na tigela, que se tornou marrom, quer que essas bolachas sejam especiais, que sejam como as de Alice no País das Maravilhas, e aqueles que as comam fiquem grandes... agora, com a dúvida de que o mundo seja como ela o via, e se tornou enevoado e indefinido, faz falta ser grande para ver mais além.

Desde que perdeu uma de suas filhas, parte de sua vida secou-se, morde os lábios; talvez fosse a parte que lhe trazia magia e alegria, e agora só lhe resta juntar os pedaços, que não vão encaixar, porque faltam peças... mas os junta com firmeza, do mesmo modo como bate os ovos, não se deixar abater, odeia o drama, só luta contra a tristeza... é preciso fazer coisa pequenas, esforçar-se, sorrir, pendurar os enfeites, armar o presépio... recorta formas de estrela, de árvores, de sinos... está em casa sozinha ainda, e a tentação de desaparecer é tão forte que se sente transparente... mas as bolachas estão aí... e é preciso assá-las. Começa a tirar as formas, empilhando-as em caixinhas de lata e as envolve em papel de seda...já terminou, seu coração está calmo.

Tira o avental, põe o agasalho, pega as chaves e o *Ipod*, agora sim, pode fugir, correr até perder o fôlego, peregrinar pelos caminhos que se abriram com sua perda em sua cabeça... harmoniza os passos com a música, ninguém entende o que faz essa corredora, um pouco desastrada, em uma noite como esta, correndo para cima e para baixo... Todos com roupas novas, todos dispostos a cantar... tampouco ela os entende, poderiam ser marcianos, definitivamente vivem em planetas diferentes... as cantigas de Natal esquivam-na, decide voltar, suarenta e altiva, derrotada pela escuridão que as pequenas luzes não conseguem romper.

Chega até a porta, mas abrem-no do lado de dentro quando quase o alcança... os olhos brilhantes de sua filhinha menor dançam... — “Mamãe, você fez bolachas!! Que bom!, que bom!, onde estava? foi muito longe?” — inclina-se e a abraça com força, com força, o calor suave da cozinha voltou ao seu coração, as mãozinhas doces devolvem-na a seu lugar...

— Estava aqui mesmo minha querida, já voltei — e a abraça de novo, e a cheira, sem medo, sem dor, sem ira... A Noite de Natal alcançou-a em sua corrida.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO CREPÚSCULO...

I.

Estás tan guapo tendido en el sofá, tan rubio, extendido tu cuerpo indolente, jugando con una gracia que no sé si ignoras, pícaro. Me miras con esos ojos como de otro planeta, ese verde imposible que deja a las hojas de los árboles, que tanto me gustan, a la altura de un jaramago, pero tú me miras y el mundo entero cobra sentido, no puedo evitar acercarme a ti, hipnotizada. Me han advertido todos, incluso tú, del enorme peligro de amarte, pero muero por acariciar tu sedosa piel. Qué le voy a hacer, si me sé tus horarios y tiemblo entera cuando el reloj da las cuatro. Apareces entonces surgido del silencio por la puerta del salón, caminando elástico, con media sonrisa y blancos dientes. Espero ese momento como si nada más existiera en el mundo, y nada más me importa. Aunque me supliques de nuevo

que no me acerque, que morirías si a mí me ocurriera algo, esta vez no te me escapabas, te pienso besar con todas las armas de hembra de que disponga.

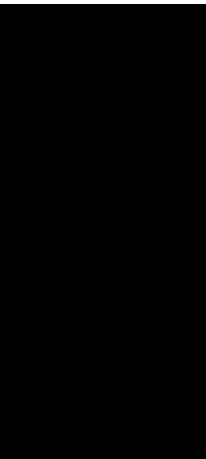
II.

Desde la esquina del pasillo te miro despacio, y estás tan bonita ahí suspendida... Me gusta mirarte, apreciar tu delicada figura desde lejos, se me acelera el corazón con sólo oírte cantar desde la cocina, y retraso venir a verte, o eso creo. Pero te oigo desde todos sitios, te mueves tanto y tan grácilmente...y este batir de alas que sé que es un peligro para los dos me enerva, me pone nervioso, a mí que soy tan tranquilo. Te advierto una y otra vez que no soy para ti, y miras hacia el cielo pensando en otra cosa, pegada a mi pecho como un colorido broche. Eres tan tierna que desesperado ansío tu carne cálida y mis pupilas me traicionan. No puedo imaginar ahora cómo era esta casa antes de tu presencia, sin ti no soportaría el lento paso de las horas, no me entretengo ya ni con los juegos de luces, ni con mis escapadas a los tejados, intento explicarte que esta cercanía puede acabar trágicamente, no me haces caso, sólo te alteras si te digo a las claras que buscaría la manera de terminar con mi vida si algo te ocurriera. Esta vez no me dejaré convencer, voy a poner una bar-

rera de seguridad entre tú y yo, iré a verte cuando esté harto de comer y de beber, harto de corretear, cansado y agotado, así tendré el control absoluto.

III.

Vaya semana que llevo, no sé qué pasa que nada encaja en mi vida, ni siquiera en mi casa, *Eduard* se ha portado fatal, no sé qué le voy a decir a mi madre, aunque parte de la culpa es suya, ya le dije que tenerlos juntos en la misma casa era una mala idea, pero ella insistió como hace siempre... y el caso es que no parecían llevarse mal... hasta que lo encontré anoche en el filo del balcón con plumas azules en el bigote, qué mala suerte de verdad. Hasta él parece arrepentido, y está rarísimo, en lugar de cruzar por el tendedero a los tejados como hace siempre ahora se empeña en tirarse desde la ventana al patio, en un tonto amago de suicidio, creo que no se da cuenta de que vive en un primero y es un gato.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO CREPÚSCULO...

I.

Você está tão bonito deitado no sofá, tão loiro, seu corpo estendido indolente, brincando com uma graça que não sei se ignora, malandro. Me olha com esses olhos como se fosse de outro planeta, com esse verde impossível, que deixa a folha das árvores, aquelas que tanto gosto, à altura de um dente de leão; mas você me olha e o mundo inteiro ganha sentido, não consigo evitar me aproximar de você, hipnotizada. Todos me alertaram, inclusive você, do enorme perigo desse amor, mas morro de vontade de acariciar sua pele sedosa. O que vou fazer, se sei seus horários e tremo toda, quando o relógio marca quatro horas. Então, você aparece do nada pela porta da sala, caminhando preguiçosamente, com um meio sorriso e dentes brancos. Espero esse momento como se nada mais existisse no

mundo, e nada mais me importa. Embora me implore novamente para que não me aproxime, que morreria se algo me acontecesse, desta vez você não me escapa, planejo beijá-lo com todas as armas de fêmea de que disponho.

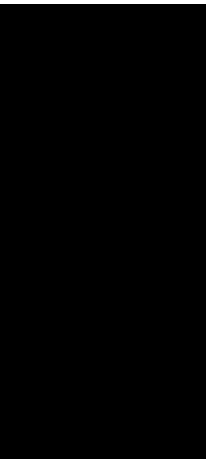
II.

Do canto do corredor olho você devagar, e está tão bonita empoleirada aí... Gosto de olhá-la, apreciar sua imagem delicada à distância; meu coração dispara só de ouvi-la cantar na cozinha, e demoro para vir vê-la, ou assim eu acho. Mas a escuto em todos os lugares, você se move tanto e tão lindamente... e este bater de asas que sei, é um perigo para os dois, me enerva, me deixa nervoso, logo eu que sou tão tranquilo. Aviso a você uma e outra vez que não sirvo para você, e você olha para o céu pensando em outra coisa, presa ao meu peito como um broche colorido. Você é tão terna que desejo desesperadamente sua carne quente e minhas pupilas me traem. Não consigo imaginar agora como era esta casa antes de sua presença; sem você, não suportaria o ritmo lento das horas, não me divirto mais com os jogos de luzes, nem com minhas fugas pelos telhados; tento lhe explicar que essa proximidade pode acabar tragicamente, você me ignora, só se perturba se

lhe digo claramente que daria um jeito de acabar com minha vida caso algo lhe acontecesse. Desta vez, não vou me deixar convencer, vou colocar uma barreira de segurança entre mim e você, irei vê-la quando estiver saciado de comer e beber, farto de correr, cansado e exausto, assim terei o controle absoluto.

III.

Que semana estou passando, não sei o que acontece porque nada faz sentido em minha vida, nem sequer em minha casa; Eduard se comportou terrivelmente, não sei o que vou dizer para minha mãe, embora parte da culpa seja dela, já que lhe disse que tê-los juntos na mesma casa era uma má ideia, mas ela insistiu, como sempre faz... e o caso é que pareciam se dar bem... até que, por azar, o encontrei a noite passada na beira da varanda com penas azuis no bigode. Até ele parece arrependido, e está estranhíssimo, em vez de passar para os telhados pelo varal, como sempre faz; agora, insiste em se jogar da janela para o pátio, em uma tola ameaça de suicídio, acredito que não se dê conta de que vive no primeiro andar e é um gato.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO ROMEO

Cada vez que tiene que cambiar de ordenador su mundo se derrumba, es una crónica de muerte anunciada que no sabe llevar bien. Hacer copias de seguridad que no le dan ninguna. Tener que pulsar teclas que jamás habría pulsado voluntariamente. Revolver las tripas del que era su compañero diario, desmembrándolo para desahuciarlo definitivamente. Es terrible, triste, depresivo, y deja sus manos peguntosas como el chicle.

Siempre les pone nombre, así hubo un Shidarta, un *Lucasquebuenoestás* y un *Don Corleone*, ordenadores que guardaron su trabajo, su música, sus fotos, y hasta sus sueños, una playa desierta, aquella casa de pueblo con un patio soleado, en la que se veía viviendo en una dimensión alternativa.

Cada vez que cambia de ordenador, tiene que reordenar su vida y encerrarla en archivos. La está copiando en un *pendrive* —tiene guasa el nombre, seguro que se

lo ha puesto un tío— piensa mientras pelea a muerte con lo que irá y no irá al nuevo portátil, *superápido, slim, ultraligero, megapotente*. Lo tiene todo el aparato, menos lo que importa, estos archivos que traslada con cuidado de cirujano, y sudores de parto.

Hoy es el día. El supermaquinón, bautizado *Romeo*, ilumina su pantalla de alta resolución y empieza a navegar a una velocidad que casi marea. El salvapantallas es el mismo, y *Romeo* parece un conocido de siempre, suspira...puede descansar un poco y se va a la cocina ya más tranquila. Mira a la tacita dar vueltas en el microondas. No repara en la tenue música que llega desde su estudio hasta que avanza por el pasillo. Se acerca a la pantalla con miedo y rabia, esa rabia amarilla que respuntea sus días malos... *Romeo* ha cambiado con total impunidad el salvapantallas del hermoso y desnudo acantilado donde pasó un verano inolvidable, por un paisaje selvático, mientras canturrea con la voz de falsete de *Benjamin Leftwich*.

Hace un mes que el nuevo ordenador llegó a casa. Todas las mañanas la despierta con una música diferente, como si supiera cuál es la que necesita para levantar los brazos y estirarse, con fotografías que unas veces la inquietan y otras la atrapan. Qué contenta está con *Romeo*, le susurra cariños y al pasar acaricia las teclas, todas las tardes buscan juntos frases animosas que ella escribe despacio en una libreta llena de recortes. A veces encuentra en mitad de la pantalla con hermosa caligrafía francesa, la idea que necesitaba.

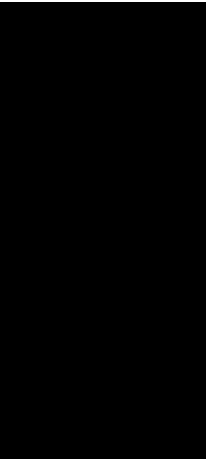
Hace ya tres meses que Romeo llegó a su vida. Últimamente sale más y se arregla mejor. Romeo se encarga de dirigir sus pasos a páginas de *outlet* que ella desconocía. Le muestra tres formas de arreglarse el pelo, catorce de ponerse un pañuelo y mil y una de combinar sandalias. Escoge justo lo que siempre quiso leer, e incluso entre risas y bromas, han encontrado en una página, de esas de citas, a un chico desgarrado, dueño de unos ojos transparentes que afirma que sabe tocar la ocarina.

Así ha conocido a alguien que le interesa, a alguien que la acompaña, a veces sin hablar, igual que Romeo; y una noche cualquiera cenan en casa, y pasan del primer plato al postre y del postre a los besos. La música flota desde el ordenador, se enlaza a sus manos, a sus brazos, a sus tiernos principios, a sus lentos finales, hasta que amanece.

El silencio que anida entre las sábanas es nuevo, pero ella no se da cuenta, hasta que pasa junto a su mesa con dos tacitas de café. Su ordenador está por primera vez, callado, aparentemente apagado...Con un vago sentimiento de culpa, mueve el ratón y siete letras gritan con mayúscula su mensaje certero, tintado en rojo, iluminando la pantalla:

« INGRATA »

Para desarmarse poco a poco en el paisaje del salvapantallas, ahora sí...aquel hermoso y desnudo acantilado.



M.^a ÁNGELES BARRIONUEVO ROMEU

Toda vez que ela tem que trocar de computador seu mundo desmorona, é uma crônica de morte anunciada com a qual não sabe lidar bem. Fazer backups que não lhe dão nenhuma segurança. Ter que pressionar teclas que nunca teria pressionado voluntariamente. Revirar as entranhas daquele que era seu companheiro diário, desmembrando-o para despejá-lo definitivamente. É terrível, triste, depressivo e deixa suas mãos pegajosas como chiclete.

Ela sempre os nomeia, era assim que havia um Shidarta, um *Lucas como você é gostoso* e um *Don Corleone*, computadores que salvaram seu trabalho, sua música, suas fotos e até seus sonhos, uma praia deserta, aquela casa geminada com um pátio ensolarado, na qual se via vivendo em uma dimensão alternativa.

Toda vez que você troca de computador, precisa reorganizar sua vida e colocá-la em arquivos. Está copiando-a em um *pendrive* — o nome é engraçado, certamente um cara deu esse nome a ele — pensa enquanto luta até a morte com o que vai e não vai para o novo notebook *super-rápido, fino, ultraleve e megapoderoso*. Todo o aparelho o tem, exceto o que importa, esses arquivos que ela movimenta com os cuidados de um cirurgião, e transpirações de parto.

Hoje é o dia. A supermáquina, batizada de Romeu, ilumina sua tela de alta resolução e começa a navegar a uma velocidade que quase a deixa enjoada. O protetor de tela é o mesmo, e Romeu parece o mesmo conhecido de sempre, suspira... pode descansar um pouco e vai para a cozinha com mais calma. Olha para a xícara girando no micro-ondas. Ela não percebe a música suave vinda de seu escritório até que avança pelo corredor. Se aproxima da tela com medo e raiva, essa raiva amarela que perpassa seus dias ruins... Romeu trocou, com total impunidade, o protetor de tela do penhasco belo e nu, onde passou um verão inesquecível, por uma paisagem de selva, enquanto cantarolava com a voz de falsete de Benjamin Leftwich.

Há um mês, chegou o novo computador. Todas as manhãs ela acorda com uma música diferente, como se soubesse qual é a que precisa para levantar os braços e se esticar, com fotografias que às vezes a

perturbam e às vezes a surpreendem. Como está feliz com Romeu, lhe sussurra carinhos e acaricia as teclas ao passar; todas as tardes eles procuram juntos por frases espirituosas que ela escreve lentamente em um caderno cheio de recortes. Às vezes, encontra a ideia que precisava, no meio da tela, com uma bela caligrafia francesa.

Três meses atrás, Romeu entrou em sua vida. Ultimamente, ela sai mais e se arruma melhor. Romeu está encarregado de dirigir seus passos às páginas de *outlet*, que ela não conhecia. Ele lhe mostra três maneiras de arrumar o cabelo, quatorze maneiras de usar um lenço e mil e uma maneiras de combinar sandálias. Escolhe exatamente o que ela sempre quis ler, e entre risos e piadas, encontraram, numa dessas páginas de namoro, um rapaz desengonçado de olhos transparentes que afirma saber tocar ocarina.

Foi assim que conheceu alguém que lhe interessa, alguém que a acompanha, às vezes sem falar, como Romeu; e uma noite qualquer jantam em casa, e vão do primeiro prato à sobremesa e da sobremesa aos beijos. A música flutua do computador, está ligada às suas mãos, seus braços, seus começos ternos, seus finais lentos, até que amanhece.

O silêncio que se aninha entre os lençóis é novo, mas ela não percebe, até passar pela mesa com duas xícaras de café. Pela primeira vez, seu computador está

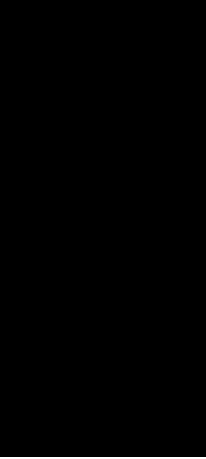
quieto, aparentemente desligado... Com um vago sentimento de culpa, move o mouse e sete letras gritam sua mensagem certa em maiúsculas, tingida de vermelho, iluminando a tela:

"INGRATA"

Para se desfazer pouco a pouco na paisagem do protetor de tela, agora sim... aquele penhasco lindo e nu.



Vista panorâmica da cidade de Granada a partir do Museo Cuevas de Sacromonte.



ROSARIO P. BLANCO

RESEÑA BIOGRÁFICA

Nací en Madrid, pero me hubiera gustado nacer en una ciudad con mar. Me licencié en Filosofía y Ciencias de la Educación en esta misma ciudad. Tras unos años de búsqueda de empleo y oposiciones logré una plaza en propiedad, y he trabajado gran parte de mi vida en la enseñanza pública, como profesora de educación secundaria, por la especialidad de Psicopedagogía.

Me gustó escribir desde pequeña, pero no me tomé en serio esta actividad hasta que no me hice miembro de la Asociación Prometeo de Poesía, y algo más tarde del Círculo de Bellas Artes de Madrid. Gracias a su estímulo publiqué poemas sueltos en revistas, antologías literarias y una plaqueta en solitario *Travesía Peligrosa* (1999).

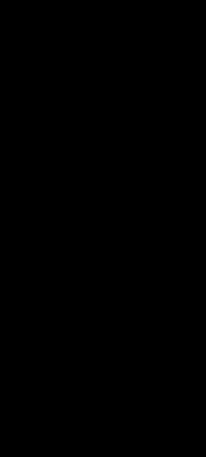
En el año 2005 cambié mi lugar de residencia y vivo en Granada desde entonces. Una bonita ciudad de

Andalucía que cuenta con mar y montaña. Un sueño logrado. En Granada escribí gran parte del poemario *Naufragios Transparentes* (2007).

En publicaciones colectivas colaboré con algún relato: *El tam tam de las nubes* (2008); *Amor en tabletas* (2010); *Bloody Mary* (2010); *Deseo, heridas y otras insignificancias* (2011); *Amor con humor se paga* (2017); *Escribiré tu nombre* (2020).

En solitario publiqué el libro de relatos *Espacios sin Cobertura* (2019) y la novela *Un romántico In-do-cente* (2016)

En la actualidad coordino talleres de escritura creativa.



ROSARIO P. BLANCO

RESENHA BIOGRÁFICA

Nasci em Madri, mas gostaria de ter nascido em uma cidade com mar. Eu me formei em Filosofia e Ciências da Educação nesta mesma cidade. Depois de alguns anos em busca de emprego e concursos, consegui uma efetivação e trabalhei grande parte da minha vida no ensino público, como professora do ensino médio, com especialização em Psicopedagogia.

Eu gostava de escrever desde pequena, mas não levei essa atividade a sério até me tornar membro da Associação Prometeo de Poesia e, um pouco mais tarde, do Círculo de Belas Artes de Madri. Graças ao seu incentivo, publiquei poemas individuais em revistas, antologias literárias e uma obra solo, *Travesía Peligrosa* (1999).

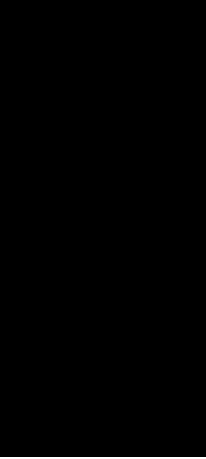
Em 2005, mudei de residência e vivo em Granada desde então. Uma bela cidade da Andaluzia que tem

mar e montanhas. Um sonho alcançado. Em Granada, escrevi grande parte da coleção de poemas *Naufragios Transparentes* (2007).

Em publicações coletivas, colaborei com algum conto: *El tam tam de las nubes* (2008); *Amor en tabletas* (2010); *Bloody Mary* (2010); *Deseo, heridas y otras insignificancias* (2011); *Amor con humor se paga* (2017); *Escribiré tu nombre* (2020).

Individualmente, publiquei o livro de contos *Espacios sin Cobertura* (2019) e o romance *Un romántico In-docente* (2016).

Atualmente, coordeno oficinas de escrita criativa.



ROSARIO P. BLANCO

EL CARTÓN DE LECHE

Estaba concentrada leyendo la sección de literatura de un periódico atrasado. El artículo que absorbía su atención en ese instante reivindicaba a algunos escritores políticamente incorrectos que se debatían contra las presiones de un feminismo igualitario. La literatura debía obedecer los dictados de un mundo real, con hombres y mujeres reales en situaciones y conflictos no adulterados por las directrices del sistema. Siguió leyendo mientras apuraba su taza de café. Sus vísceras de escritora se agitaban. Algo había removido las aguas estancadas del deseo o la inspiración; necesitaba contar por escrito, con belleza, pero sin censura, con distancia y ecuanimidad, las vicisitudes de un personaje masculino poco ejemplarizante desde la óptica feminista.

Dio otro sorbo a su café. Era el último, se acababa. Ese acto de rebeldía, ese prurito de inspiración, ese algo

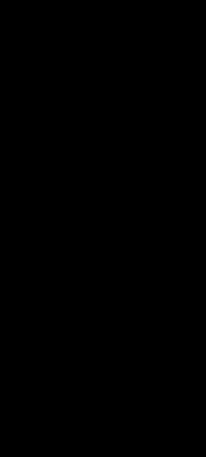
indeterminado que pugnaba por abrirse camino ese sábado por la mañana, se sustentaba también en su taza de café. Y ahora, que su escritura dependía de eso, temía despegarse de la silla, abandonar la idea que ya le rondaba la cabeza, dejar suspendidos esos pensamientos que salpicaban su cerebro con imágenes e ideas propias. Se levantó. Cogió el bote del café molido, llenó la cafetera italiana y esperó a que se hiciera. Solo faltaba echar un poco de leche. Abrió la despensa, y...¡-diantre!, no quedaba. Cuando ya casi podía disfrutar de su degustación, y la mañana guardaba una alienación perfecta entre la lectura y la escritura, resultaba que por culpa de un cartón de leche, un insustancial tetrabrik, tenía que abortar la prometedora sesión y agenciarse otro en cualquier supermercado de la zona. No se lo pensó dos veces. Se lo dijo a su compañero. Le pidió que bajara a la calle, que le hiciera ese recado pues no quería interrumpir su proceso. Él andaba en zapatillas y en pijama, disfrutando con indolencia de la jornada; no tenía que ir a trabajar.

—Pero vamos a ver, ¿a quién de los dos se le ha olvidado comprar más leche cuando fue a la compra?

—Qué cosas preguntas. ¡A quién se le va a olvidar! A la única persona que ha hecho la compra en las últimas semanas.

—Tu mala costumbre de no apuntar las cosas cuando vas al supermercado. Reconócelo.

Finalmente fue ella quién bajó a la calle, y cuando retomó la escritura, el tema anterior quedó relegado. Nada de personajes masculinos lesionados por un sistema igualitario. Otro tema más apremiante ocupaba ahora su centro de interés. Escribiría también desde las tripas y con visceralidad; su protagonista sería femenina y un buen día dejaría de planchar, hacer comidas, ir a la compra...quedó pensativa, ¿cómo terminaría esa trama?



ROSARIO P. BLANCO

A CAIXINHA DE LEITE

Ela estava concentrada lendo a seção de literatura de um jornal antigo. O artigo, que absorveu sua atenção naquele momento, reivindicava alguns escritores politicamente incorretos que lutavam contra as pressões de um feminismo igualitário. A literatura tinha que obedecer aos ditames de um mundo real, com homens e mulheres reais em situações e conflitos não adulterados pelas diretrizes do sistema. Continuou lendo enquanto terminava sua xícara de café. Suas vísceras de escritora se agitaram. Algo havia movimentado as águas estagnadas do desejo ou da inspiração; precisava contar por escrito, com beleza, mas sem censura, com distância e equanimidade, as vicissitudes de um personagem masculino pouco exemplar do ponto de vista feminista.

Tomou outro gole de seu café. Foi o último, acabou. Esse ato de rebeldia, essa comichão de inspiração,

esse algo indeterminado que lutava para abrir caminho naquela manhã de sábado, também se sustentava em sua xícara de café. E agora, que sua escrita dependia disso, temia sair da cadeira, abandonar a ideia que já lhe passava pela cabeça, deixar suspensos aqueles pensamentos que enchiam seu cérebro com imagens e ideias próprias. Levantou-se. Pegou o pote de café moído, encheu a cafeteira italiana e esperou que ficasse pronto. Só precisava adicionar um pouco de leite. Abriu a despensa, e... inferno!, não havia mais nenhuma caixinha. Quando já quase podia desfrutar de sua degustação, e a manhã mantinha um alinhamento perfeito entre leitura e escrita, aconteceu que por causa de uma caixinha de leite, uma insubstancial embalagem, teve que abortar a sessão promissora e buscar outra em qualquer supermercado do bairro. Não pensou duas vezes. Disse a seu companheiro. Pediu-lhe que descesse à rua, que lhe fizesse aquele favor porque não queria interromper o seu processo de escrita. Ele andava de chinelos e pijama, aproveitando preguiçosamente o dia; não tinha que ir trabalhar.

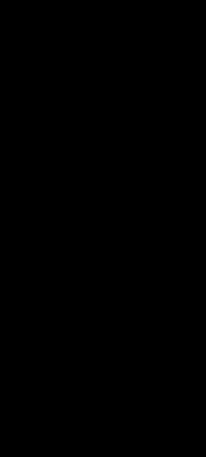
— Mas vejamos, qual de nós dois se esqueceu de comprar mais leite quando foi às compras?

— O que você está perguntando? Quem vai esquecer! A única pessoa que foi às compras nas últimas semanas.

— Seu mau hábito de não anotar as coisas quando

vai ao supermercado. Reconheça.

Finalmente foi ela quem desceu à rua e, quando voltou a escrever, o assunto anterior foi relegado. Nada de personagens masculinos prejudicados por um sistema igualitário. Outro tema mais urgente agora ocupava seu centro de interesse. Escreveria também a partir de suas entranhas e com visceralidade; sua protagonista seria uma mulher e um belo dia pararia de passar roupa, cozinhar, fazer compras... ficou pensativa, como terminaria aquela trama?



ROSARIO P. BLANCO

LA MALA HIERBA

Aprendí a leer y a escribir con rapidez. Fueron de los pocos aprendizajes que se me dieron bien. No era buena en matemáticas, el mecanismo de las operaciones se me escapaba y tampoco recordaba con facilidad el nombre de los ríos, sus afluentes, o la larga lista de reyes y dinastías. Me hubiera conformado con una Historia de España de menos abolengo y una orografía menos pronunciada.

Pero lo peor fue la asignatura de Hogar, como antes se llamaba a la costura que aprendíamos en los colegios. A la desmotivación por los trabajos manuales, se unió mi hipermetropía por entonces sin corregir. Cualquier tarea que fuera minuciosa me producía cansancio y los ojos me picaban. Nadie se percató de mi trastorno visual, aunque tuviera que acercarme demasiado los libros de letra pequeña. Era tiempo de orzuelos y legañas,

y todo parecía achacable al frío o al crecimiento, por lo que los adultos tampoco se alarmaban cuando me frotaba los ojos al dar tres puntadas seguidas a una tela. Las lágrimas sobre las yemas de los dedos, ya manchadas con la mina de algún lápiz, formaban una pasta grisácea que inevitablemente revertía en la pequeña costura, tiñendo el hilo y la tela de un color indefinido: color panza de burro, decían en casa. Mis labores desde el comienzo estaban predestinadas, pero habiendo sido advertida de que entre las distintas materias la costura nos sería de gran utilidad, me resistía a que fueran calificadas con una nota muy baja.

Loli Santaella, la alumna más aplicada de la clase, tenía sus labores primorosas. Si el bordado de lagarterana era bueno, destacaban aún más sus bodoques, el punto cruz, o el nido de abeja.

Si la envidia alguna vez afloró con nitidez en mi infancia, fue al contemplar sus pañitos dos días antes de que se cumpliera el plazo de entrega. «Lo que daría por tener esos bordados tan limpios en un álbum de cartulinas negras», pensé. Dicho y hecho. Otra oportunidad no se iba a presentar. En el siguiente cambio de clase, aprovechando que todas nos levantamos de la silla para guardar las labores en un cesto, cogí sus diez muestras y las metí debajo de mi babi, sujetas al elástico de la falda del uniforme. Nadie se percató. Tampoco mi compañera. La escudriñé el resto de la jornada, y

ajena al hurto, permanecía como siempre, los brazos cruzados sobre la mesa y los labios apretados.

Llegué a casa temiendo que en cualquier momento se despertara mi consciencia, igual que lo hacía cada anochecer, después de haberme entregado al juego con mis hermanos, sin haber terminado los deberes. Pero no escuché voz interna alguna que me recriminara la mala acción. Me encerré en el baño y descosí las iniciales de Loli de cada uno de los pañitos. A mi hermana mayor le pedí que bordara las mías en su lugar. «No sabía que cosieras tan bien», dijo extrañada.

Solo me faltaba presentarlas en un álbum. Recorté cuadrantes de cartulina negra para cada uno, hice un par de agujeros con la taladradora y pasé un hilo grueso para unirlos entre sí. Las impolutas telas blancas resaltaban mucho sobre el fondo oscuro. Había hecho una buena elección. Nada de formatos turquesas, rosas o verdes como la mayoría de mis compañeras. Eso quedaba cursi; mejor en negro. Deseaba cuanto antes pegar las muestras, pero había que hacerlo en el colegio, siguiendo el orden que sor Manuela dictase.

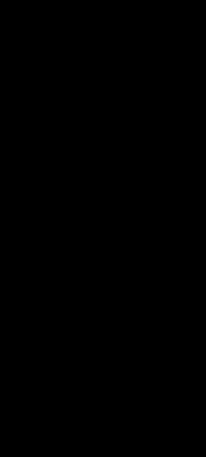
Me levanté nerviosa aquella mañana, ya que tenía que devolver la costura de Loli —ya mía—, al cesto. El azar estuvo de mi parte, porque la Hermana no pudo encontrar la llave del armario donde se almacenaba el material escolar. Hurgó en el bolsillo del hábito sin éxito. Alerta como estaba a todos sus movimientos me

levanté y me ofrecí voluntaria para conseguir otra en conserjería.

Bajé los dos pisos saltando las escaleras precipitadamente. Subí con la misma respiración entrecortada. «No hacía falta que fueras corriendo», dijo la religiosa al verme tan agitada.

A la hora de la costura sacó el cesto con las labores de toda clase. Loli Santaella no salía de su asombro al comprobar que sus pañitos habían desaparecido.

Tuvimos que vaciar las carteras. Se nos castigó sin recreo. La monja nos amenazó con dejarnos una semana sin salir al patio. Nadie confesó y finalmente dio el trabajo de Loli por entregado. No me pude explicar por qué ella obtuvo un sobresaliente y yo tan solo un aprobado, cuando los pañitos con mis iniciales eran tan mejores. Sor Manuela dijo que las labores expuestas sobre aquel fondo oscuro parecían obra de una mano siniestra.



ROSARIO P. BLANCO

A ERVA DANINHA

Aprendi a ler e escrever rapidamente. Foram dos poucos aprendizados em que me dei bem. Não era boa em matemática, o mecanismo das operações me escapava e não conseguia lembrar com facilidade os nomes dos rios, seus afluentes ou a longa lista de reis e dinastias. Eu teria me conformado com uma História da Espanha de menor ascendência e orografia menos pronunciada.

Mas o pior era a matéria de técnicas domésticas, como se chamava antes a costura que aprendíamos nas escolas. À falta de motivação para o trabalho manual, somava-se a minha hipermetropia, que na época ainda não tinha sido corrigida. Qualquer tarefa que fosse minuciosa me cansava, e meus olhos coçavam. Ninguém notou meu distúrbio visual, mesmo que eu tivesse que me aproximar demais dos livros de letras pequenas. Era tempo de terçóis e reumatismo, e tudo parecia atribuível ao frio ou ao crescimento, de modo

que os adultos também não se alarmaram quando eu esfregava os olhos enquanto dava três pontos seguidos em um pedaço de pano. As lágrimas sobre as pontas dos dedos, já manchados com o grafite, formavam uma pasta acinzentada que inevitavelmente contaminavam a pequena costura, tingindo o fio e o tecido de uma cor indefinida: a cor de um burro quando foge, diziam em casa. Meus trabalhos desde o início estavam predestinados, mas tendo sido avisada de que, entre as diferentes disciplinas, a costura nos seria de grande utilidade, recusava que me atribuíssem uma nota muito baixa.

Loli Santaella, a aluna mais aplicada da turma, fazia trabalhos primorosos. Se o bordado de lagarterana¹⁷ era bom, se destacavam ainda mais seus arremates, o ponto cruz ou o favo de mel.

Se a inveja veio à tona na minha infância, foi quando contemplei os trabalhos dela dois dias antes do prazo de entrega. “O que eu não daria para ter um desses bordados tão limpos em um álbum de papelão preto”, pensei. Dito e feito. Outra oportunidade não iria se apresentar. Na próxima mudança de aula, aproveitando o fato de todos nós levantarmos da cadeira para guardar

¹⁷ De acordo com o *Diccionario RAE*: lagarterano, na 1. adj. Natural de Lagartera, povoado da província de Toledo, na Espanha.

os trabalhos em uma cesta, peguei suas dez amostras e as coloquei embaixo do meu avental, presas no elástico da saia do uniforme. Ninguém percebeu. Nem mesmo minha companheira. Eu a examinei o resto do dia e, alheia ao roubo, ela permaneceu como sempre, os braços cruzados sobre a mesa e os lábios apertados.

Cheguei à casa temendo que a qualquer momento minha consciência despertasse, como acontecia a cada anoitecer, depois de brincar com meus irmãos, sem ter terminado os deveres. Mas não ouvi nenhuma voz interna que me censurasse pela má ação. Me tranquei no banheiro e descosturei as iniciais de Loli de cada um dos panos. Pedi à minha irmã mais velha que bordasse as minhas. “Não sabia que você costurava tão bem”, ela disse admirada.

Eu só precisava apresentá-los em um álbum. Recortei quadros de cartolina preta para cada um, fiz alguns furos com a furadeira e passei um fio grosso para uni-los entre si. Os tecidos brancos imaculados se destacaram muito contra o fundo escuro. Eu tinha feito uma boa escolha. Nada de formatos turquesa, rosa ou verde como a maioria das minhas colegas. Isso ficava cafona; melhor em preto. Desejava colar o quanto antes as amostras, mas você tinha que fazer na escola, seguindo a ordem que a Irmã Manuela ditava.

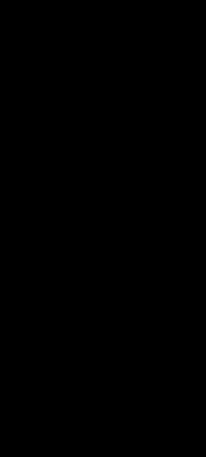
Acordei nervosa naquela manhã, pois tive que devolver a costura de Loli – já minha – à cesta. O acaso

estava do meu lado, porque a Irmã não conseguia encontrar a chave do armário onde estavam guardados os materiais escolares. Ela remexeu no bolso do hábito sem sucesso. Alerta como estava a todos os seus movimentos, me levantei e me ofereci para pegar outra com o zelador.

Desci os dois andares pulando os degraus apressadamente. Subi as escadas com a mesma rapidez e no corredor, depois de verificar que ninguém estava me vendo, abri a porta do armário e coloquei o bordado com minhas iniciais na cesta de vime, junto com os outros. Entrei ofegante. “Você não precisava correr”, disse a freira ao me ver tão agitada.

Na hora de costurar, ela tirou a cesta com os trabalhos da sala. Loli Santaella não conseguia disfarçar o susto quando descobriu que seus bordados tinham desaparecido.

Tivemos que esvaziar nossas pastas. Fomos punidas sem recreio. A freira ameaçou nos deixar por uma semana sem sair para o pátio. Ninguém confessou e finalmente se considerou que o trabalho de Loli havia sido entregue. Eu não sabia explicar por que ela tirou a nota máxima e eu só fiquei na média, quando os lenços com minhas iniciais eram muito melhores. Irmã Manuela disse que os trabalhos expostos sobre aquele fundo escuro pareciam ser obra de uma mão sinistra.



ROSARIO P. BLANCO

EL POZO

Llevaba tiempo queriendo marchar, dejar la ciudad, el asfalto, las obras, los largos trayectos, sin embargo, le faltaba valor. Valor para empezar de cero, coraje para arraigar en otro sitio. Una red de costumbres le retenían, envolviendo con papel de seda su descontento.

Tendría que dejar las tertulias en el Café Central. Al fin y al cabo, suponían más hábito que divertimento. El verdadero genio estaba lejos de esas reuniones en donde unos cuantos escritores y artistas noveles exhibían su erudición.

Del trabajo, ¿qué decir? Doce destinos diferentes en catorce años. Se había recorrido la periferia, conocía la red de transportes de cercanías, ramales y circunvalaciones. El entusiasmo por el trabajo, si alguna vez lo tuvo, se fue debilitando.

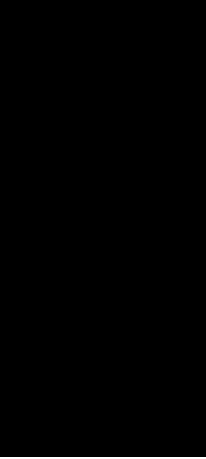
Tampoco las reuniones familiares la sujetaban. Las hermanas con sus hijos, los hermanos con sus muje-

res y ella con una vida sentimental que hacía aguas cada dos por tres. Sus pérdidas no podían expresarse, tampoco sus intentos por salir a flote tenían cabida en esos encuentros. Aquello no sumaba. La vida familiar le asignaba un papel auxiliar. Era la tía, la hija, la hermana, la cuñada. Lo importante giraba en torno a los otros, los que tenían hijos.

Lo que más le costaba era dejar su casa. Era bohemía, luminosa, antigua. Orientada al Oeste, daba a una plaza y más allá de la plaza, se abarcaba el cielo de la gran ciudad. Un refugio cuyas puertas y vigas de madera crujían con las estaciones, los amaneceres y los cambios de tiempo. Se entendían. Una sensibilidad más allá de las palabras. Frágiles articulaciones. Lástima que al anochecer se llenase el barrio de litronas. La juventud se apoyaba ebria en los muros del barrio, vital y bullicioso de día, oscuro y sórdido al ocaso.

No comprendía bien lo que *I Ching* advertía con la imagen del Pozo cuando ella consultó el ancestral oráculo, antes de tomar la decisión de irse con él al Sur. Era arriesgado, pero había suficiente pasión y afinidad en su nueva relación; finalmente hizo el traslado a un lugar meridional, más luminoso, más a su gusto.

Después de la ruptura, comprendió aquella sentencia del oráculo: «Uno puede cambiar de ciudad, mas no se puede cambiar de pozo. Este no disminuye ni aumenta. Ellos vienen y van...»



ROSARIO P. BLANCO

O POÇO

Há muito que queria partir, deixar a cidade, o asfalto, as obras, as longas viagens, mas não tinha coragem. Coragem para começar do zero, coragem para criar raízes em outro lugar. Uma constelação de hábitos a retinha, embrulhando seu descontentamento em papel de seda.

Teria que deixar as reuniões no Café Central. Afinal, se supunha que eram mais costume do que diversão. O verdadeiro gênio estava longe daquelas reuniões em que alguns escritores e artistas inexperientes exibiam sua erudição.

Do trabalho, o que dizer? Foram 12 destinos diferentes em 14 anos. Havia percorrido a periferia, conhecia a rede de transportes local, ramais e anéis viários. O entusiasmo pelo trabalho, se alguma vez o teve, foi enfraquecendo.

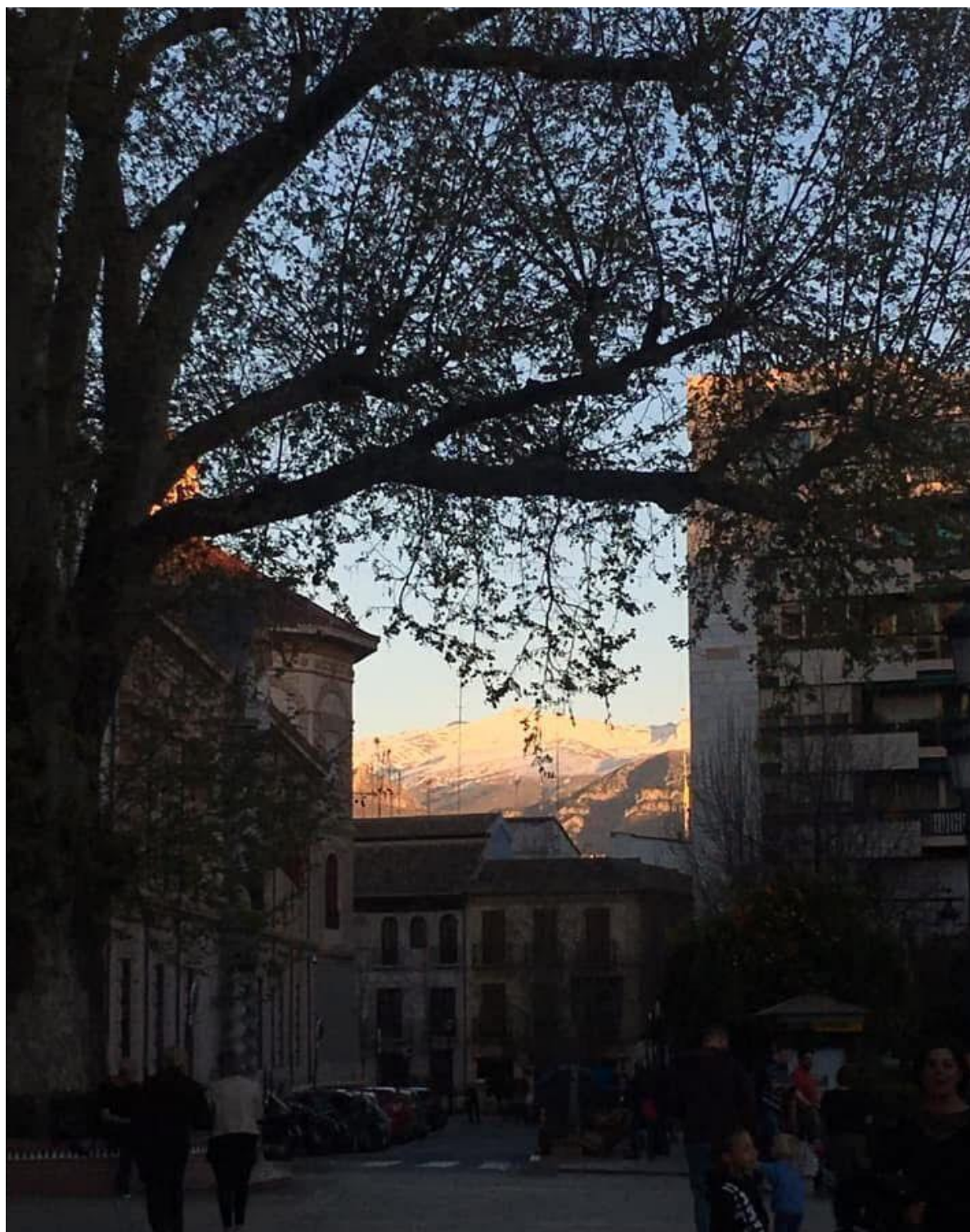
Nem as reuniões de família a detinham. As irmãs com seus filhos, os irmãos com suas esposas e ela com uma vida sentimental que naufragava a cada tentativa. Suas perdas não podiam ser expressas, nem suas tentativas de se manter à tona tinham lugar nesses encontros. Isso não deu certo. A vida familiar atribuiu-lhe um papel auxiliar. Era a tia, a filha, a irmã, a cunhada. O importante girava em torno dos outros, daqueles que tinham filhos.

O mais difícil para ela foi deixar sua casa. Era boêmia, luminosa, antiga. De frente para o oeste, dava para uma praça e, para além da praça, se vislumbrava o céu da grande cidade. Um refúgio cujas portas e vigas de madeira rangiam com as estações, o nascer do sol e as mudanças do tempo. Eles se entendiam. Uma sensibilidade além das palavras. Situações frágeis. Pena que, ao anoitecer, o bairro se abarrotasse de gente que ia encher a cara. A juventude se encostava bêbada nas paredes do bairro, agitado e barulhento durante o dia, escuro e sórdido ao pôr do sol.

Ela não entendeu muito bem o que o *I Ching* advertia com a imagem do poço quando consultou o antigo

oráculo, antes de tomar a decisão de ir com ele para o Sul. Era arriscado, mas havia paixão e afinidade suficientes em seu novo relacionamento; finalmente fez a mudança para um lugar meridional, mais claro, mais do seu agrado.

Após a ruptura, compreendeu aquela sentença do oráculo: "Pode-se mudar de cidade, mas não se pode mudar de poço. Este não diminui nem aumenta. Eles vêm e vão..."



Plaza del Campillo, com Sierra Nevada ao fundo, onde está localizado o Café Chikito.

Outrora conhecida como Café Alameda, esta cafeteria era utilizada por García Lorca e seus amigos para a realização de tertúlias literárias.

POSFÁCIO

UM ENCONTRO E UMA LEITURA DO AVESSO

SOLANGE MITTMANN

Como leitora de ficção feminina e ansiosa tanto pelo reconhecimento das iguais a mim como pelo acesso às diferenças, considero a tradução da literatura ficcional feminina como uma possibilidade de encontros. Não me refiro ao encontro com uma voz sublime de uma autora capaz de expressar seus pensamentos e desejos – o estruturalismo, a nova crítica e os estudos decoloniais já se encarregaram de retirar o prestígio desse mito adâmico autoritário da voz autoral, e assim já não perguntamos o que o autor quis dizer. Pergun-

tamos que vozes falam por essas mulheres escritoras e como se dá nosso encontro com elas [as vozes, as mulheres, a sua escrita]. Refiro-me ao encontro com modos de viver e de pensar em diferentes comunidades, ao encontro, ainda que bastante tímido e parcial, com memórias sociais que tornam possível a criação ficcional – e, em especial, a feminina.

Esta coletânea de contos de autoria feminina espanhola promove um encontro com experiências e questões femininas, mas, principalmente, com modos de escrita feminina. A aproximação do meu olhar de leitora às histórias contadas do outro lado do oceano e recon-tadas aqui neste território, através de um responsável e primoroso processo de tradução, ora produz estranhamentos, com remexidas e desconfortos, sobretudo diante das violências e do desamparo relatados, ora acalenta em reconhecimento identitário feminino.

Que mistério é esse que, ao colocar uma palavra ao lado da outra ao lado da outra ao lado da outra, nos leva a identificar personagens e ações, e nelas o desalento, mas também a força feminina (mesmo que a personagem seja um homem, um gato, um rio, um computador ou um balde)? Que fio é esse que nos enlaça em um reconhecimento tanto da solidão como do cuidado solidário? Que magia é essa que transforma a palavra em gatilho para as nossas próprias questões?

Acima falei sobre o lugar de leitora de literatura feminina de ficção internacional. Agora, pensando a partir do lugar de pesquisadora dos processos tradutórios, interrogo se cada palavra-gatilho foi escolhida, ou se ela se impôs à autora, e se foi uma escolha debatida e votada pelo grupo de pessoas que realizou a tradução, ou se apareceu como óbvia, única alternativa de tradução. E fico imaginando que conflitos – com memórias, com batimento de experiências de leitura – terá havido até a decisão por uma palavra e o descarte de outra no processo tradutório.

Raramente perguntamos o que fez com que um autor ou uma autora escrevesse cada palavra – quando poderiam ter sido outras naquele lugar. O título daquele conto não poderia ter sido Precipício em lugar de Abismo? E se em vez de Crepúsculo... a história se chamasse Ocaso...? Bolacha ou Biscoito? Esse questionamento só nos vem quando algo nos causa estranhamento ou quando lembramos que estamos diante de uma tradução. Agora, se estivermos diante de uma edição bilíngue, aí todas as pulgas atrás da orelha se agitam e promovem um levante.

Enquanto a leitura flui, quando estamos mergulhadas na narrativa, é como se as palavras fossem definitivas: desde sempre e para todo o sempre, somente aquela palavra poderia estar ali naquele exato lugar. É

tudo o que temos diante dos olhos, e é tão óbvio, que nem pensamos no processo que levou àquela seleção lexical ou àquela ordem sintática e combinação semântica. Ao mergulharmos em uma narrativa, esquecemos que se trata de palavras uma ao lado da outra. Muitas vezes é como se cada narrativa nos tornasse cativas, no centro de grades erguidas pela organização das palavras. É isso, está dado. A fluidez da leitura se paga com a prisão no universo criado.

Mas às vezes uma palavra aparece atravessada, interrompendo o fluxo, abrindo outras possibilidades. E aí é como se saíssemos desse lugar confortável que é o interior do olhar da narradora, déssemos um ou dois passos atrás e passássemos a observar de fora. Acordamos do fetiche do produto pronto e lembramos que ele resulta de um processo de produção, de um exaustivo trabalho de escrita, com suas idas e vindas, em fazeres, desfazer, refazer.

E quando essa interrupção ocorre na leitura de uma tradução, lembramos que há ali um processo tradutório. Até o momento anterior à interrupção, estávamos autoconvencidas de que líamos as palavras da autora. Aí então lembramos que, além do processo de produção pela autora, houve o processo de tradução e há o nosso processo de leitura – sim, porque leitura é trabalho. Uma palavra ao lado da outra e diversas pessoas

com suas experiências e leituras anteriores circulando nos espaços entre as palavras, atravessando as palavras, fazendo alarde nos lugares de silêncio.

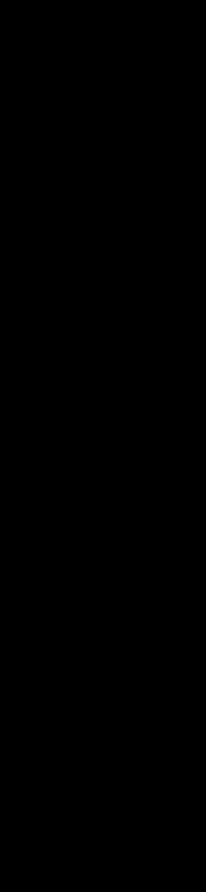
Cito um exemplo. Um desses gatilhos foi disparado em mim quando me deparei com o título “Ojos oblicuos” e sua tradução “Olhos amendoados”. Minha leitura ficou deslizando entre a comemoração nacional dos olhos de nossa cigana oblíqua e dissimulada e a rememoração familiar de olhos amendoados de origem indígena. Afinal, não se lê de lugar nenhum, a leitura sustenta seus pés na experiência, no conhecido, e é a partir daí que damos saltos na narrativa do desconhecido. E então me deparei com a nota de rodapé de tradução, que também comemorava nossa Capitu, mas encaminhava os sentidos para outro lugar: signo da Síndrome de Down. Entre deslizamentos e saltos por entre palavras e silêncios, a nota de tradução oferece um chão possível: siga por aqui, esse foi o caminho que conseguimos construir até o momento. Tal é o papel dos paratextos de tradução, como a nota de rodapé e o prefácio: assinalar pistas do caminho percorrido, senhas da regência dos sentidos.

O processo tradutório – mais ainda um processo que envolve um coletivo – é um movimento de sentidos, uma administração de conflitos e reescritas que raramente deixa marcas no texto ficcional. Suas pistas estão nas notas de rodapé ou na história narrada em

prefácio. E com elas dialogamos também.

A edição bilíngue é um privilégio para quem quer se aproximar da cultura alheia com olhos curiosos pelos processos de escrita, pois nos mostra o avesso da escrita e, mais do que isso, o avesso de nossa própria leitura. Mostra que os sentidos podem deslizar por diferentes caminhos – mas não qualquer um. A edição bilíngue, ainda mais quando traz prefácio de tradução e notas de rodapé, assinala os desafios com as palavras, expõe o processo tradutório, oferece pistas sobre o trabalho de tradautoria – uma autoria própria da tradução, que tenta ser próxima da outra, engatar-se com a outra, sem sair de seus próprios princípios, os da língua da tradução.

A tradautoria em uma edição bilíngue permite a abertura do texto de partida a alguns sentidos possíveis desencadeados na leitura, com novos elos que se encadeiam. E faz lembrar que estamos diante não só de um produto finalizado (se é que há final), mas de um processo complexo de produção, no qual cada leitor e cada leitora, a partir de seu próprio lugar, de sua própria experiência de leituras, também se enlaça e toma parte.



EPÍLOGO

UN ENCUENTRO Y UNA LECTURA DEL REVÉS

SOLANGE MITTMANN

Como lectora de ficción femenina y ansiosa tanto por el reconocimiento de las iguales a mí como por el acceso a las diferencias, considero la traducción de la literatura ficcional femenina como una posibilidad de encuentros. No me refiero al encuentro con una voz sublime de una autora capaz de expresar sus pensamientos y deseos —el estructuralismo, la nueva crítica y los estudios decoloniales ya se han encargado de retirar el prestigio de este autoritario mito adámico de la voz autoral, y ya no preguntamos qué quiso decir el

autor. Preguntamos qué voces hablan por esas mujeres escritoras y cómo ocurre nuestro encuentro con ellas [las voces, las mujeres, su escritura]. Me refiero al encuentro con modos de vivir y de pensar en diferentes comunidades, al encuentro, aunque bastante tímido y parcial, con memorias sociales que hacen posible la creación ficcional —y, en especial, la femenina.

Esta compilación de cuentos de autoría femenina española promueve un encuentro con experiencias y cuestiones femeninas y, especialmente, con modos de escritura femenina. La aproximación de mi mirada de lectora a las historias contadas del otro lado del océano y recontadas aquí, en este territorio, a través de un responsable y primoroso proceso de traducción, o bien produce extrañamientos, con sacudidas y malestares, sobre todo ante las violencias y el desamparo relatados, o bien alberga el reconocimiento identitario femenino.

¿Qué misterio es este que, al colocar una palabra al lado de otra al lado de otra al lado de otra, nos lleva a identificar personajes y acciones, y en ellas el desaliento pero también la fuerza femenina (incluso cuando el personaje es un hombre, un gato, un río, un ordenador o un cubo)? ¿Qué hilo es este que nos enlaza en un reconocimiento tanto de la soledad como del cuidado solidario? ¿Qué magia es esta que transforma la palabra en gatillo para nuestras propias cuestiones?

Arriba he hablado como lectora de literatura femenina de ficción internacional. Ahora, pensando como investigadora de los procesos de traducción, cuestiono si cada palabra-gatillo fue escogida, o si ella se impuso a la autora, y si fue una elección debatida y votada por el grupo de personas que llevó a cabo la traducción, o si apareció como obvia, única alternativa de traducción. E imagino qué conflictos – con recuerdos, con latido de experiencias de lectura – habrán tenido lugar hasta decidirse por una palabra o por descartarse otra, en el proceso de traducción.

Raramente preguntamos cuál habrá sido el detonante para que un autor o una autora escribiesen cada palabra – cuando podrían haber sido otras en aquel lugar. ¿El título de aquel cuento no podría haber sido Precipicio en vez de Abismo? ¿Y si, en vez de Crepúsculo... la historia se llamase Ocaso? ¿Galleta o mantecado?¹⁸ Este cuestionamiento solo nos viene cuando algo nos causa perplejidad o cuando nos acordamos de que estamos ante una traducción. Pero si nos hallamos ante una edición bilingüe, entonces todas las alarmas saltan, se agitan y promueven un motín.

18 La palabra «galleta» del texto original en español ha supuesto un reto para el equipo traductor, ya que en portugués brasileño se utilizan indistintamente los términos «bolacha» y «biscoito» para un mismo contexto. La selección léxica depende, entonces, de las circunstancias del hablante y de su marco sociolingüístico, y es un acto individual.

Mientras la lectura fluye, cuando estamos inmersas en la narrativa, es como si las palabras fuesen definitivas: desde siempre y para siempre, solamente aquella palabra podría estar allí, en ese exacto lugar. Es todo lo que tenemos ante los ojos, y es tan obvio que no pensamos en el proceso que culminó con aquella selección léxica o aquel orden sintáctico y combinación semántica. Cuando nos sumergimos en una narrativa, nos olvidamos de que se trata de palabras, una al lado de la otra. Muchas veces es como si cada narrativa nos cautivase, entre rejas erguidas por la organización de las palabras. Eso es, así es. La fluidez de la lectura se paga con la prisión en el universo creado.

A veces una palabra aparece atravesada, interrumpiendo el flujo, abriendo otras posibilidades. Y entonces es como si saliéramos de ese lugar cómodo que es el interior de la mirada de la narradora, diéramos uno o dos pasos atrás y pasáramos a observar desde fuera. Despertamos del fetiche del producto listo para consumo y recordamos que es el resultado de un proceso de producción, de un exhaustivo trabajo de escritura, con sus idas y venidas, en un hacer, deshacer y rehacer.

Y cuando esta interrupción ocurre en la lectura de una traducción, recordamos que hay allí un proceso traductor. Hasta el momento anterior a la interrupción, estábamos autoconvencidas de que leíamos las palabras de la autora. Entonces recordamos que, más allá del

proceso de producción por parte de la autora, hay también un proceso de traducción, y existe nuestro proceso de lectura – sí, porque la lectura es trabajo. Una palabra al lado de otra y diversas personas con sus experiencias y lecturas anteriores circulando en los espacios entre las palabras, atravesando las palabras, haciendo alarde en los lugares de silencio. Cito un ejemplo. Uno de esos gatillos fue disparado en mí cuando me deparé con el título en español «Ojos oblicuos» y su traducción al portugués, «Olhos amendoados»¹⁹. Mi lectura fue deslizándose entre la con-memoración nacional de los ojos de nuestra gitana oblicua y disimulada, Capitu, y la re-memoración familiar de ojos almendrados de origen indígena. Al fin y al cabo, no se lee de ningún lugar, la lectura sustenta sus pies en la experiencia, en lo conocido, y a partir de ahí damos saltos en la narrativa de lo desconocido. Y entonces me deparé con la nota al pie de traducción, que también con-memoraba a nuestra Capitu, pero encaminaba los sentidos hacia otro lugar: signo del Síndrome de Down. Entre deslizamientos y saltos por entre palabras y silencios, la nota de traducción ofrece un escenario posible: siga por aquí, este fue el camino que hemos conseguido construir hasta el momento. Tal es el papel de los paratextos de traducción, como la nota al pie y el prólogo: señalar pistas del camino recorrido, señas de la regencia de los sentidos.

19 La traducción literal del original en portugués sería «Ojos almendrados».

El proceso traductor – especialmente cuando involucra a un colectivo – es un movimiento de sentidos, una administración de conflictos y re-escrituras que raramente deja marcas en el texto ficcional. Sus pistas están en las notas al pie o en la historia narrada en el prólogo. Y con ellas dialogamos también.

La edición bilingüe es un privilegio para quienes queremos aproximarnos a la cultura ajena con ojos curiosos por los procesos de escritura, pues nos muestra el revés de la escritura y, más que eso, el revés de nuestra propia lectura. Muestra que los sentidos pueden deslizarse por diferentes caminos – pero no cualquiera. La edición bilingüe, y más cuando trae un prólogo de traducción y notas al pie, señala los desafíos con las palabras, expone el proceso traductor, ofrece pistas sobre el trabajo de tradautoría – una autoría propia de la traducción, que intenta estar cerca de la otra, enlazarse con la otra, sin salir de sus propios principios, los de la lengua de la traducción.

La tradautoría en una edición bilingüe permite la apertura del texto de partida a algunos de los sentidos posibles desencadenados en la lectura, con nuevos eslabones que se encadenan. Y recuerda que estamos no solo ante un producto final (si es que hay final), sino ante un complejo proceso de producción, en el que cada lector y lectora, a partir de su propio lugar, de su propia experiencia de lecturas, también se enlaza y toma partido.

Agradecemos a colaboração dos colegas, que participaram em distintos momentos, desta empreitada de tradução coletiva de contos de escritoras granadinas:

Ana Paula Ludwig

Carline Limana

Darwin Ariel Amador Valdez

Delta Marlova Amaral

Katia Magnani Ramazzina

Pedro Martín Achutti Olivé

